Homem, Pensamento e Cultura: Abordagem filosófica e antropológica

Dante Diniz Bessa

UFMT

Cuiabá - MT
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica.
B823 Homem, pensamento e cultura: abordagem filosófica e antropológica: formação técnica / Dante Bessa, – 4.ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2012

96 p. : il. – (Curso técnico de formação para os funcionários da educação. Profuncionário; 3)

ISBN 85-86290

1. Educador. 2. Formação profissional. 3. Escola. I. Bessa, Dante. II. Título. III. Série.

2012 CDU 37.01

profuncionário

Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação

Presidência da República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Diretoria de Integração das Redes EPT

© Este caderno foi elaborado em parceria entre o Ministério da Educação e a Universidade Federal de Mato Grosso para a Rede e-Tec Brasil.

Equipe de Elaboração

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Coordenação Institucional
Carlos Rinaldi

Coordenação de Produção de Material Didático Impresso
Pedro Roberto Piloni

Designer Educacional
Izabel Solyszko Gomes

Designer Master
Daniela Mendes

Diagramação
Verônica Hirata

Revisão de Língua Portuguesa
Patrícia Rahuan

Projeto Gráfico
Rede e-Tec Brasil/UFMT

Apresentação Rede e-Tec Brasil

Prezado estudante,

Bem-vindo à Rede e-Tec Brasil!

Você faz parte de uma rede nacional pública de ensino, a Rede e-Tec Brasil, instituída pelo Decreto nº 7.589/2011, com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino técnico público, na modalidade a distância. O programa é resultado de uma parceria entre o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec), as universidades e escolas técnicas estaduais e federais.

A educação a distância no nosso país, de dimensões continentais e grande diversidade regional e cultural, longe de distanciar, aproxima as pessoas ao garantir acesso à educação de qualidade, e promover o fortalecimento da formação de jovens moradores de regiões distantes, geograficamente ou economicamente, dos grandes centros.

A Rede e-Tec Brasil leva os cursos técnicos a locais distantes das instituições de ensino e para a periferia das grandes cidades, incentivando os jovens a concluir o ensino médio. Os cursos são ofertados pelas instituições públicas de ensino e o atendimento ao estudante é realizado em escolas-polo integrantes das redes públicas municipais e estaduais.

O Ministério da Educação, as instituições públicas de ensino técnico, seus servidores técnicos e professores acreditam que uma educação profissional qualificada – integradora do ensino médio e educação técnica – é capaz de promover o cidadão com capacidades para produzir, mas também com autonomia diante das diferentes dimensões da realidade: cultural, social, familiar, esportiva, política e ética.

Nós acreditamos em você!
Desejamos sucesso na sua formação profissional!

Ministério da Educação
Março de 2012

Nosso contato
etecbrasil@mec.gov.br

Mensagem do professor-autor

Dante

Prezado estudante:

Durante todo o tempo que frequentei escolas, seja como aluno seja como professor, sempre estive lado a lado com pessoas que trabalhavam nas escolas, mas nunca pude saber o que pensavam sobre as relações entre o seu trabalho e a educação, nem sobre o seu lugar na escola. Nunca pude perceber como se sentiam em relação à educação feita ali onde trabalhavam e se em suas práticas profissionais havia alguma intenção educativa. Certamente, alimentei-me na escola, solicitei documentos, joguei bola e me diverti vendo algum filme ou fazendo experimentos em laboratório. Mas nunca havia me dado conta de que estava aprendendo alguma coisa com quem preparava a merenda, com quem atendia minhas solicitações, com quem mantinha a quadra de esportes em condições e com quem garantia o bom funcionamento dos equipamentos.

Agora, tenho a oportunidade de pensar atentamente sobre o valor educativo das atividades dos funcionários em uma escola e gostaria de convidá-lo(a) a pensar sobre isso comigo. Que bom! Estou feliz com essa oportunidade!

Assim, neste caderno vou descrever como penso a escola e o trabalho escolar e, ao descrever, pretendo provocá-lo(a) a pensar sobre o que escrevo e principalmente, pretendo provocá-lo(a) a pensar sobre a escola na qual trabalha e sobre as atividades que você realiza nela. Quer dizer: escrevo para que você pense e construa os seus saberes, mas não para que pense e saiba a mesma coisa que eu.

É isso: naquilo que eu escrevo você poderá notar um olhar diferente do seu, uma outra visão, um outro jeito de encarar a escola. Perceber isso deve ser motivo para pensar sobre o olhar, a visão e o jeito como você mesmo(a) encara a escola.

Nessa interação, vou tentar compartilhar com você alguns problemas que precisamos enfrentar na formação profissional e propor alternativa(s) teórico-práticas para enfrentá-los.

Desejo, então, que você fique bem à vontade na leitura. Concentre-se nela para compreender os problemas colocados e por que eles são colocados. Concentre-se na leitura para colocar seus próprios problemas em relação ao que está escrito e ao que você sente na escola. Que a concentração traga-lhe dúvidas suficientes para que possa se desconcentrar da leitura deste caderno e buscar outras fontes que possam complementá-la, para investigar as práticas escolares e dialogar com os colegas da escola, com os colegas do curso, com seu tutor, com vistas a construir os saberes de que você e a escola necessitam para ser mais do que são.

Dante Diniz Bessa

Apresentação da Disciplina

Os estudos que você fará, aqui, serão orientados por uma investigação filosófico-antropológica, pela qual terá a oportunidade de construir algum sentido sobre o devir humano que possa ajudá-lo a (re) pensar suas atividades na escola, com vistas a participar delas como profissional, como educador, como gestor, como pessoa.

Para desenvolver a investigação, você precisará de algumas noções básicas de filosofia e de antropologia com as quais vai entrar em contato durante os estudos: cultura, linguagem, trabalho, valores, currículo escolar. Cada uma dessas noções é tema de uma unidade de estudo, e todas deverão ser estudadas nas suas relações com a educação, com a escola e com a cidadania, de modo a que você possa ter um caminho investigativo.

O aprendizado destas noções é condição para que você possa investigar as práticas cotidianas de sua escola, onde todos os atores se fazem humanos e educadores: alunos, funcionários, professores, pais, comunidade. Sim, pois todos estão na escola, todos fazem a escola e se educam uns aos outros.

As relações na escola, como você já sabe, não são meras relações entre pessoas: na escola não nos relacionamos com os outros da mesma maneira que o fazemos em casa, na igreja ou na rua. As práticas escolares dão uma contribuição específica ao devir humano de cada pessoa. Claro, pois a escola é do jeito que é porque há uma legislação que a regulamenta, um poder público que a mantém, uma comunidade a que ela atende, uma história da qual participa, uma economia à qual está vinculada, um Projeto Político-Pedagógico que a orienta, entre outros elementos. É isso que você precisa investigar e compreender bem: quais as contribuições da escola na educação de homens e mulheres em sua humanidade, no devir humano.

Para chegar a essa compreensão, além daquelas noções básicas de filosofia e de antropologia, você precisa ter uma atitude crítica pela qual deverá suspeitar, desconfiar, estranhar, questionar, valorar as práticas

escolares cotidianas: por que são essas práticas e não outras? Como são feitas? Para que são feitas? Que influências podem ter na vida das pessoas e na minha própria vida?

Ao buscar respostas para essas perguntas, você verá que muitas práticas ganharão outra importância, outro sentido, outro valor. E verá que é possível estabelecer outras práticas educativas na escola.

A atitude crítica deve possibilitar que você mude sua conduta frente à rotina já estabelecida para suas atividades na escola na medida em que constrói conhecimentos sobre as mesmas.

Para construir esses conhecimentos, a disciplina deverá ajudá-lo a aprender a investigar criticamente as práticas escolares com base em problemas e temas filosófico-antropológicos: questioná-las, observá-las, descrevê-las, narrá-las, analisá-las, interpretá-las, refletir sobre o seu sentido, com vistas a criar condições para construir, desconstruir e reconstruir a si mesmo e a escola.

A ajuda vem por meio das "reflexões" e dos "pratiques" deste caderno, que se referem a atividades que devem ser realizadas para que você possa, de fato, aprender teórico-praticamente. Os resultados e, às vezes, os processos dessas atividades devem ser registrados no seu memorial, para que você possa voltar a eles, criticamente, quando precisar. Não é demais lembrar, por fim, que algumas dessas atividades poderão ser contabilizadas na carga horária da Prática Profissional Supervisionada, conforme projeto a definir com o tutor.

Objetivo

Apropriar e criar condições teórico-práticas com as quais problematizar, investigar e criticar as práticas escolares, com vistas à construção da identidade de profissional da educação.

Ementa

Processo de construção da cidadania. Filosofia como instrumento de reflexão e prática. Ética, moral e política. O ambiente físico e social. Relações homem/natureza. Aspectos e valores culturais. Linguagem e comunicação.

Indicação de Ícones

Os ícones são elementos gráficos utilizados para ampliar as formas de linguagem e facilitar a organização e a leitura hipertextual.

Atenção: indica pontos de maior relevância no texto.

Saiba mais: remete o tema para outras fontes: livro, revista, jornal, artigos, noticiário, internet, música etc.

Dicionário: indica a definição de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

Em outras palavras: apresenta uma expressão de forma mais simples.

Pratique: são sugestões de: a) atividades para reforçar a compreensão do texto da Disciplina e envolver o estudante em sua prática; b) atividades para compor as 300 horas de Prática Profissional Supervisionada (PPS), a critério de planejamento conjunto entre estudante e tutor.

Reflita: momento de uma pausa na leitura para refletir/escrever/conversar/observar sobre pontos importantes e/ou questionamentos.

Sumário

Unidade 1 - Devir Humano **15**
1.1 – A natureza no humano 17
1.2 – O humano na natureza: cultura 20
1.3 – Cultura e culturas 22
1.4 – O humano no humano: cultura e educação 27
1.5 – Escola, cultura e cidadania 30

Unidade 2 - Devir humano, linguagem e educação **33**
2.1 – Linguagem: conceito e elementos 36
2.2 – Linguagem e língua 41
2.3 – Linguagem e comunicação 43
2.4 – Diálogo, comunicação e educação 45
2.5 – Escola, comunicação e cidadania 47

Unidade 3 - Devir humano, trabalho e educação **51**
3.1 – Trabalho: conceito 53
3.2 – Trabalho, técnica e tecnologia 56
3.3 – Trabalho manual e trabalho intelectual 58
3.4 – Trabalho, alienação e educação 60
3.5 – Escola, trabalho e cidadania 61

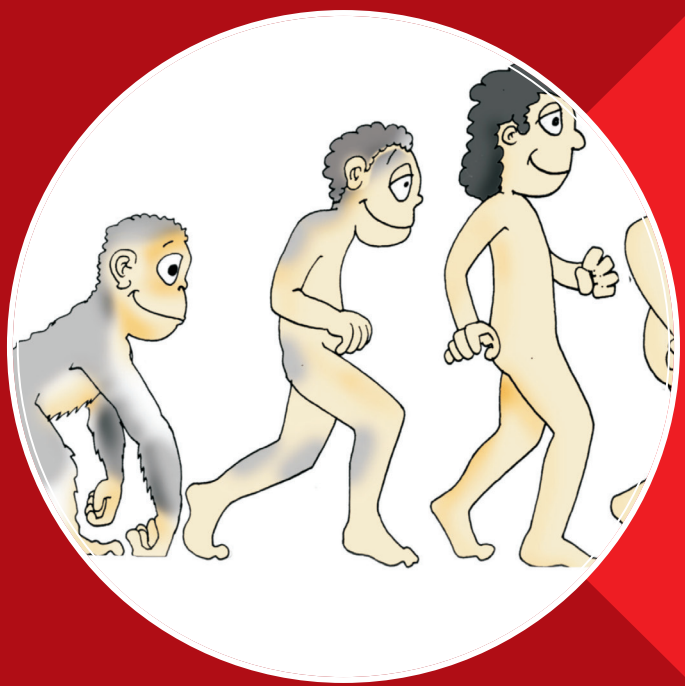
Unidade 4 - Devir humano, valores e educação **65**
4.1 – O conceito de valor 68
4.2 – Valoração estética 70
4.3 – Valoração ética 72
4.4 – Valoração política 74
4.5 – Escola, valores e cidadania 77

Unidade 5 - Devir humano, escola e educação **81**
5.1 – O que se ensina e o que se aprende na escola? 85
5.2 – Onde se ensina e onde se aprende na escola? 86
5.3 – Como se ensina e como se aprende na escola? 87
5.4 – Quem ensina e quem aprende na escola? 89

Palavras Finais 94

Referências 95

Currículo do professor-autor 96



Unidade 1

Devir Humano

Caro estudante

Para começar a investigação acerca do devir humano, o primeiro passo que você precisa dar é refletir sobre a condição sociocultural do humano, ou seja, será importante, nesta unidade de estudos, que você compreenda o que é cultura e quais são as condições fundamentais (a linguagem, o trabalho e os valores) pelas quais homens e mulheres fazem cultura(s) e na(s) cultura(s) constroem sua humanidade. Da mesma maneira, você precisa ter claras as relações entre cultura e educação, para entender o sentido histórico da escola como instituição educativa e qual seu papel na construção da humanidade de homens e de mulheres.

Assim, comece por se perguntar: o que faz com que eu me chame e me sinta humano? Veja que essa pergunta não parece ser problemática para muita gente. Não é qualquer um que pensa sobre isso, pois muitas pessoas já conhecem as respostas (que são óbvias) sem ter colocado a pergunta: somos humanos porque nascemos de humanos, somos sangue de nossos pais — esta é uma das respostas óbvias; somos humanos porque Deus nos criou assim — esta já é outra resposta óbvia; uma terceira afirma: somos humanos porque o destino e a natureza nos fizeram assim. Apesar das diferenças, essas três respostas dizem a mesma obviedade: somos humanos porque há uma força fora de nós que nos faz assim — o sangue dos pais, Deus, a natureza, o destino. Mas, a proposta de estudo é justamente tornar o óbvio estranho, não é? Assumir atitude crítica diante do óbvio. Um jeito de fazer isso é pensar por que, para outras pessoas, essas respostas não são óbvias. Veja o que esses outros podem nos fazer pensar sobre tal problema.

Os outros a que me refiro são filósofos, antropólogos e cientistas sociais que, em geral, acreditam que outra(s) resposta(s) possa(m) ser dada(s) caso se questione aquelas respostas óbvias. Para eles, não nos chamamos nem nos sentimos humanos por causa do sangue, de Deus, do destino ou da natureza, mas porque nos fazemos humanos na vida. Humano é um conceito que criamos para dar sentido ao nosso modo de viver.

Por isso, é interessante que você compreenda como é que o conceito de humano foi construído e reconstruído, você não acha?

Então, procure pensar nas condições em que cada um vive e pode se fazer, se chamar e se sentir humano. Para que possa pensar sobre isso com outros, passo a apresentar alguns conceitos já elaborados por filósofos, antropólogos e cientistas sociais.

1.1 – A natureza no humano

Um primeiro **conceito** para ajudar a pensar sobre as condições em que alguém se faz, se chama e se sente humano é o que está no título da unidade: **devir humano**.

Conceito
Podemos entender conceito como o que pensamos e expressamos, isto é, os significados que construímos no pensamento e na linguagem e com os quais podemos classificar e diferenciar as coisas e acontecimentos. Relacionando os conceitos, podemos emitir juízos sobre a realidade. Podemos dizer o que pensamos com sentido.

Se você não faz ideia do que quer dizer "devir humano", então, sem ler a sequência do texto, procure ver se há algo que você estranha na expressão. Se há, pergunte-se: por que está escrito "devir humano" e não "ser humano"? Será "devir humano" o mesmo que "ser humano"? Faz diferença falar e pensar "devir humano" em vez de "ser humano"? Afinal, o que significa "devir humano"?

Se você, ao ler o título desta unidade, havia colocado essas ou outras perguntas, é porque já está entrando no espírito crítico e investigativo proposto. Avance na atitude de pensar o que significa devir humano.

Agora, leia com atenção o texto a seguir, de José Rodrigues de Oliveira, e procure pensar o que pode ser dito sobre a natureza no humano quando ele se refere ao devenir ou devir.

O DEVENIR

- Meu pai, devenir é fruta ou verdura?

- Por que perguntas, filho?

- Meu pai, quero, se possível, que veja minhas razões. O senhor já me ensinou que, quando se recebe uma pergunta, só se deve entrar com outra depois de ter respondido. E eu, seu filho, firmado na sua ortodoxia, quero para mim as vantagens da sua observação.

- Bem, vejo que você tem razão. Desejo, no entanto, dizer-lhe que se você me houvesse feito, ontem, essa inquirição, confesso que não estaria em condições de respondê-la. Porém hoje, depois de certo progresso que fiz, posso afirmar que DEVENIR não é fruta nem verdura. É, sim, uma concepção filosófica.

- Agora sim, "concepção filosófica!" Mas...

- Nem mais nem menos, agora a vez é minha, **Sócrates.**

Sócrates viveu em Atenas, na Grécia Antiga, no séc V a.C. e é considerado por muitos como o primeiro grande filósofo da história ocidental.

Heráclito e Parmênides também são filósofos que viveram na Grécia Antiga entre os séculos VI e V a.C.

Conhecido como pai da teoria da relatividade, **Albert Einstein** foi físico e viveu no século XX.

Biólogo suíço, **Jean Piaget** viveu no século XX. Suas pesquisas contribuíram muito para o conhecimento do desenvolvimento cognitivo de uma perspectiva interacionista.

- O senhor sabe que não gosto de ser chamado de Sócrates, pois acho aquele velho muito feio e sua mulher que me desculpe, mas acho o nome dela horroroso! Xantipa! Só sendo grega.

- Está certo, mas, por que você me perguntou se devenir é fruta ou verdura?

- Perguntei porque a mamãe falou que alguém comeu a folha do devenir.

O velho se arrumou na cadeira de balanço, tirou os óculos e, depois duma mordaz e gostosa gargalhada, falou: Paulinho, você é um anjo. Você, sua mãe e seus irmãos azucrinam meus ouvidos, mas também fazem cócegas no meu coração. Presta atenção, filhote, devenir é o mesmo que devir; é uma série de transformações. A transformação ou mudança de estado considerado em si mesmo. O devenir é a nossa característica fundamental e a tudo quanto no mundo nos rodeia. A Filosofia tem se empenhado em compreender o devenir, cuja questão decisiva é a relação deste com o ser. **Heráclito e Parmênides** *, quatro séculos antes de Cristo, já se ocupavam com o assunto, que veio receber mais luz agora no século XX com o nosso querido* **Einstein**. *Já expliquei muito, pelo seu aspecto, vejo que você entendeu pouco, não foi?*

- Para ser sincero, papai, não entendi nada e, se eu quisesse ser chato, iria fazer mais perguntas.

- Pode perguntar, entretanto, **Piaget** *aconselha que devemos aprender as coisas aos poucos, as doses do saber devem ser homeopáticas. E é você ainda criança. Segundo o mesmo educador, existe a idade para a abstração. Contudo, faça a pergunta, sua curiosidade muito me agrada.*

- Devenir é o mesmo que futuro?

- Não. Entretanto, podemos relacioná-lo não só com o futuro como também com progresso e o regresso à vida e à morte.

- Com a vida e com a morte!?

- Sim, com a vida e com a morte. Até conosco, com você, meu filho, veja só: você vai completar 13 anos no próximo mês, já notou sua voz como está ficando diferente? Os pêlos do seu bigode estão engrossando. (Ao ouvir isso o rapazinho não se conteve e escandalosamente sorriu).

- Você, devenirmente, caminha para puberdade, depois tornar-se-á adulto, daqui a cem anos, quando você morrer, irá modificar o ph da terra onde colocarem seu corpo. Antes disso, você vai mudar de tal forma que quem lhe ver hoje, e só possa ver daqui a alguns anos, talvez não lhe reconheça. Salvo melhor juízo, isso é devenir. Gostou?

- O devenir se limita de acordo com a ideia que se tem do progresso, sendo a ideia um progresso, é preciso que o devenir seja compreendido, sendo compreendido, encontrar-se-á nele um movimento que é o que existe de mais concreto. Heráclito, o filósofo do vir-a-ser, do devenir, disse que o vir-a-ser está em tudo, porque nada é. Para nós, modernamente, tudo já era. Eu e você não somos mais aqueles de quando

iniciamos essa conversa, eu, afora o sutil da natureza, já bebi um copo d'água, emiti essas palavras e dei aquelas risadas. Você, além de outras coisas que aconteceu, já pode ouvir falar em devenir sem aquela estranheza do início desse bate-papo. Verdade?

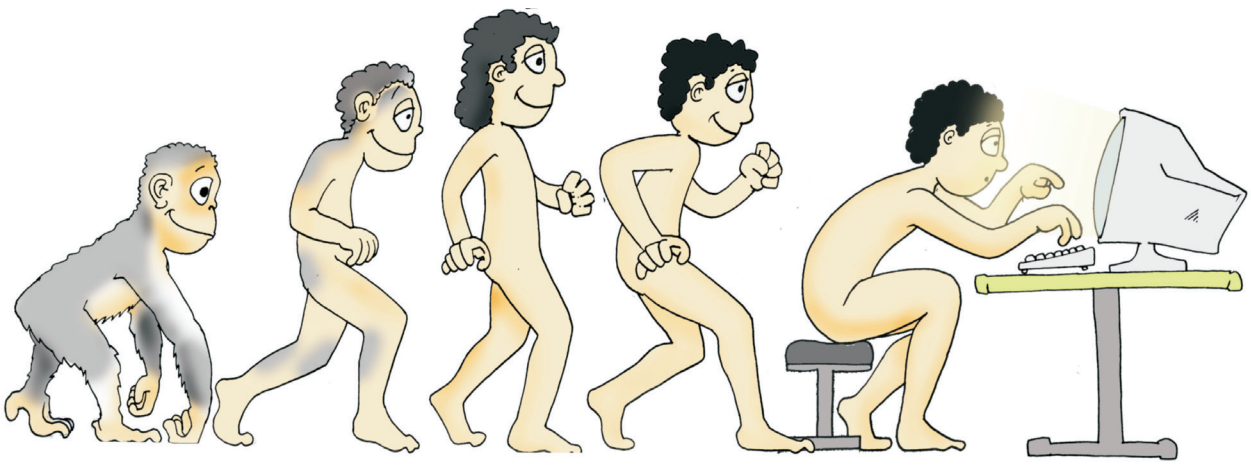
- Ah!...Então quer dizer que aquela caneta que lhe dei há pouco, não é essa que está aí, porque a que lhe dei sofreu o calor das suas mãos, a tampinha estava do lado oposto, já escreveu e, consequentemente, está com menos tinta.

- Muito bem! Demorou, mas chegou. Observo com muita satisfação que já ampliou a dialética. Quero, aproveitando a ocasião, que você saiba que o movimento dialético é o que mais existe de concreto no progresso.

- Obrigado, meu pai. Amanhã vou pedir a minha mãe para comprar um dicionário novo para o senhor, pois o seu está bastante "devenirzado".

- Também já sei quem comeu a folha do devenir.

E então, o que achou dessa bela maneira de expressar a natureza no humano? Você consegue perceber, com ela, o que significa dizer que o devir (devenir) é a natureza no humano? Quer dizer, o que há de natural no humano é a transformação, a mudança, o tornar-se diferente do que já se foi e do que se é.



Isso sugere que cada um de nós muda ao longo da vida, que a espécie humana muda ao longo da história e que o conceito de humano também muda. O pensar muda. Portanto, a humanidade, aquilo com que os humanos se identificam, muda conforme são criadas e inventadas novas condições de existência e de vida.

Pois é, o devir humano é a natureza que se faz na humanidade e em cada um de nós. Ela faz com que homens e mulheres sejam o que são

e possibilita que a espécie humana a transforme em outra natureza, a história, num movimento permanente.

Se for assim, como é que acontece esse devir? É só ficar parado e esperar que ele aja sobre cada homem e sobre cada mulher? Será que você pode participar e influenciar esse devir de algum modo? Se puder, em que condições isso pode acontecer?

Não passe adiante sem pensar sobre isso. Anote suas conclusões

Você pensou? Ficou com dúvidas? Siga em frente, para que possa acrescentar à investigação outros elementos que possam ajudá-lo a compreender melhor o que quer dizer devir humano.

1.2 – O humano na natureza: cultura

Até aqui tentei chamar sua atenção para o fato de que a presença da natureza no humano é, ao mesmo tempo, a presença do humano na natureza: temos uma natureza tal que podemos mudá-la. Devir humano significa a transformação da natureza humana.

Isso quer dizer que a natureza faz o humano de tal maneira que o humano faz sua própria natureza.

Agora quero chamar sua atenção para que pense nas questões sobre por que e como natureza e humano se transformam mutuamente.

Acontece que o devir humano não se dá apenas na e pela natureza, mas, principalmente, na e pela cultura. Essa é uma visão predominante entre filósofos, antropólogos e cientistas sociais.

Você pode pensar, até mesmo, que o humano tem uma natureza cultural. O humano se transforma no mundo que ele mesmo constrói: mundo social, cultural, histórico - o mundo humano.

Assim, parece evidente que, para pensar e investigar o devir humano, é preciso estudar a cultura. Sim, porque a cultura é condição para alguém se fazer, chamar-se e sentir-se humano.

Mas o que significa cultura?

O que isso quer dizer?

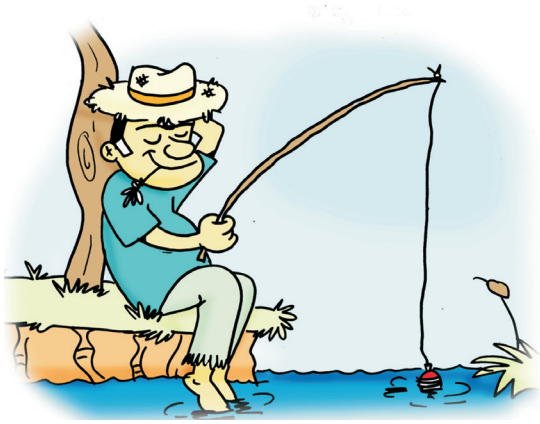
Em primeiro lugar, cultura pode ser entendida num sentido bem amplo como o conjunto de práticas pelas quais homens e mulheres agem sobre e transformam o que está na natureza, tornando-se corresponsáveis com a natureza pelo mundo humano e pela humanidade que constroem.

Segundo, quer dizer que cultura é a forma de viver dos humanos em grupos sociais e, ao mesmo tempo, a forma de viver em grupos sociais específicos.

Assim, no primeiro caso, você pode pensar em cultura no singular, como aquilo que diferencia homens e mulheres de outros seres, como os animais, por exemplo. Já no segundo caso, você pode pensar em culturas, no plural, como o que diferencia grupos sociais entre si. Mas, não pode deixar de notar que esses conceitos e diferenciações são criados pelos próprios homens que aprenderam a pensar numa dada cultura!

Assim, um terceiro significado é o de que cultura é o conjunto de conhecimentos, de valores, de crenças, de ideias e de práticas de um grupo social, ou de um povo, ou de uma época.

Com esses três significados você pode perceber que cada um de nós, homens e mulheres, fazemo-nos humanos quando produzimos e adquirimos cultura; quando aprendemos e construímos nosso modo de viver socialmente. Por isso, o devir humano é, ao mesmo tempo, devir natural e cultural. Tem a ver com transformações biológicas do nosso corpo como, por exemplo, as funções psíquicas (pensar e significar, que se desenvolvem na espécie humana e em cada homem e mulher) que nos tornam capazes de criar, de conservar e de transformar nosso jeito de viver. E tem a ver, também, com as transformações no próprio jeito de viver, que contribuem com a transformação das condições biológicas (naturais) de existência. Isso se dá quando, por exemplo, inventamos máquinas para trabalhar e pensar por nós.



O jeito de viver humano é um jeito de viver sociocultural e envolve três elementos muito importantes, que ajudam a padronizar o comportamento de cada pessoa em um grupo social: a linguagem, o trabalho e os valores. Com esses elementos, homens e mulheres produzem e transformam coisas e ideias, decidem o que é e o que não é importante e organizam as relações entre eles, criando regras para a vida social. Portanto, ao mesmo tempo em que homens e mulheres produzem cultura, são levados por ela a se fazerem humanos.

A condição de viver, de pensar e de organizar a vida coletiva (vida social), como você pode perceber, é o que movimenta o processo de autocriação humana, de produção da humanidade, de construção do mundo humano.

Como, então, você responderia à seguinte questão: somos humanos porque pensamos ou pensamos porque somos humanos? E o que você pensa sobre isso tem a ver com o que já sabe, com o que não sabe ou com o que os outros sabem sobre você? Não deixe de anotar as respostas e dúvidas para retomá-las mais tarde!

1.3 – Cultura e culturas

Você se lembra que antes eu havia escrito que, com o conceito de cultura, homens e mulheres se diferenciam de outros seres e os grupos humanos se diferenciam entre si? Nesse sentido, afirmei que você pode pensar em **cultura e em culturas**, não é? E pode falar de humano e de humanos também, não é?

Atenção

Cultura é o jeito de viver dos humanos em geral e, ao mesmo tempo, o jeito de viver de grupos sociais específicos. Assim, falamos em cultura no singular como aquilo que diferencia os homens de tudo o mais que existe no mundo. Culturas, no plural, é o que diferencia os homens entre si.

Você diria que humanos de grupos sociais diferentes são humanos diferentes?

Pode-se dizer, de maneira geral, que modos diferentes de organização de grupos sociais (família, comunidade, categorias profissionais, povos etc.) podem tornar as pessoas desses grupos diferentes entre si, porque cultivam costumes, jeitos de viver próprios de cada grupo e dentro do grupo.

Vamos lá! **Pratique**

Você concorda com o que eu disse acima? Se os comportamentos e práticas sociais são plurais, isto é, se existem modos diferentes de organizar e de viver a vida social, podemos dizer que existem diferentes culturas ou apenas uma na qual as pessoas se diferenciam? Se existem diferentes culturas, como se relacionam? Escreva uma carta ou um e-mail a alguém de quem gosta expressando sua opinião sobre esse problema. Conte o que você pensa sobre a questão e pergunte qual é a opinião dela.

Esta atividade é a primeira para que você possa construir uma noção de cultura e suas relações com a educação e a escola no devir humano. Ao realizá-la, espero que você reflita sobre o problema colocado, com base nos conteúdos estudados até aqui. Para isso, sugiro que, na carta ou no e-mail, você exponha o problema ao seu interlocutor de modo que ele possa entendê-lo bem e dar uma resposta. Para fazer a exposição do problema, é importante que você diga como compreendeu o conceito de cultura e a relação entre cultura e devir humano. Exposto o problema, o último passo é construir argumentos que embasam sua posição sobre o mesmo, isto é, se existem diferentes culturas ou não, se elas podem ou não podem conviver ou se existe uma cultura universal que dá conta da diversidade, por exemplo. Se entender que os conteúdos da disciplina são insuficientes para construir uma posição inicial sobre o problema, procure consultar outras fontes indicadas no "saiba mais", ao final da unidade, nas referências, ao final do caderno, ou em outras que tenha conhecimento. Importante é que você compreenda bem o problema das relações entre culturas diferentes e tenha elementos para se posicionar diante dele.

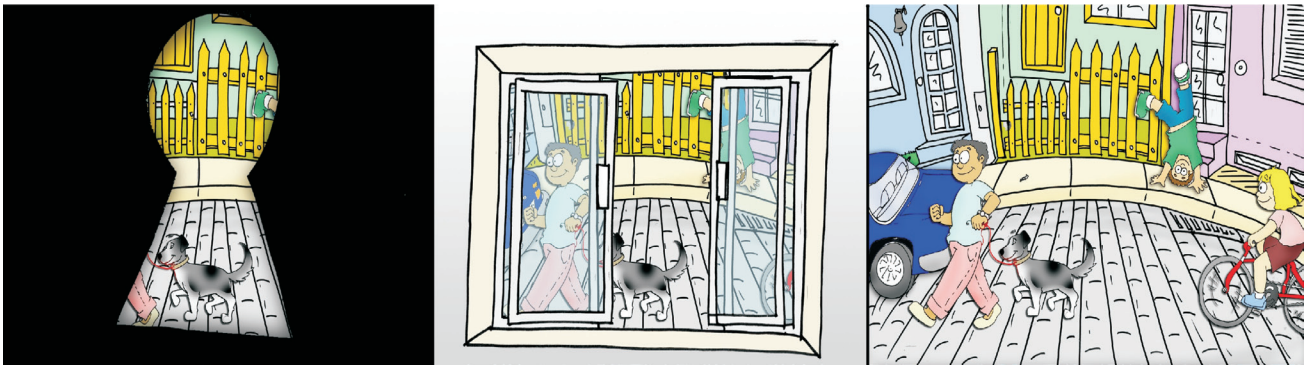
Não é fácil se posicionar diante do problema anterior, não é? Então, para que você possa pensá-lo melhor, introduzirei dois conceitos: etnocentrismo e diversidade cultural.

Se você pensar que a cultura serve como uma lente para ver e pensar, e que só consegue enxergar o mundo e dar sentido a ele pela lente que tem, a tendência é de que você supervalorize sua forma de ver e de pensar. Ao fazer isso, é possível que desvalorize e negue outras possibilidades, fixando sua visão e seu pensamento no centro de todas, como sendo a melhor, a correta, a verdadeira, a real. A única possível.

Dicionário A-Z

Metáfora é uma figura de linguagem pela qual o sentido é expresso figurativamente

Para entender, considere a seguinte **metáfora**: se alguém está acostumado a olhar a rua pelo buraco da fechadura, a rua ganha um formato e uma extensão específica: da fechadura. Se a pessoa puder olhar da janela, então a rua ganhará outro formato e extensão. E se puder ainda sair de casa e andar, verá que a rua terá múltiplos formatos. Então, se a pessoa ficar olhando pelo buraco da fechadura, jamais poderá saber que a rua pode ser diferente e achará muito estranho que outro que esteja na rua fale dela de outra maneira. Dirá que é um louco. Um ignorante. Uma pessoa inculta, só porque enxerga a rua de forma diferente.



A essa fixação de uma cultura no centro de todas as culturas, você pode chamar de etnocentrismo.

O etnocentrismo é responsável por muitos dos conflitos sociais (entre etnias, gêneros, religiões, gerações, grupos religiosos etc.). Uma postura etnocêntrica também é responsável por preconceitos contra minorias, contra outras culturas, preconceito contra a diferença, preconceito em relação ao outro.

Você já pensou sobre isso? Sobre sua postura em relação àqueles que têm um jeito de viver diferente do seu? Como você se relaciona com os adolescentes ou com as crianças da escola em que trabalha? Você já tentou se colocar no lugar deles para entender como pensam e veem o mundo? Procure fazer isso observando suas práticas e conversando com eles sobre a escola.

Vamos lá! **Pratique**

Esta atividade deve ajudá-lo a perceber que o modo como você pensa e vive não são únicos e que você pode aprender com os outros. Por outro lado, a atividade é um exercício de observação e de descrição, para que você experimente construir uma ideia sobre a realidade metodicamente, isto é, considerando-a a partir dela, mas não a partir do seu pensamento prévio. O resultado da atividade deve ser um relatório da conversa e das observações com alunos da escola, seguido de uma reflexão comparativa entre o que os alunos pensam sobre a escola e o que você mesmo pensa. O relatório pode ser feito diretamente no memorial ou deve ser anexado a ele.

Pois é, as roupas, os enfeites, as tatuagens, o jeito de falar, as brincadeiras e muitas outras coisas que você faz e usa, ou fazia e usava, são diferentes do que as crianças e os adolescentes que frequentam a escola fazem e usam. Assim, se você acredita que seu jeito de vestir, de enfeitar, de pensar e de viver é o certo, vai achar que precisa ensinar os outros a se comportarem como você. Na escola, onde, em geral, trabalha-se para ensinar um comportamento padrão, as diferenças de comportamento ficam bem marcadas e geralmente não são bem-vindas. Na escola, muitas vezes, os mais jovens são obrigados a pensar e a fazer o que é certo para os adultos, mas que não é, necessariamente, o certo para eles. Você tem aí um exemplo do etnocentrismo.

Aliás, sobre etnocentrismo e diversidade cultural há uma polêmica entre teóricos no Brasil: afinal, a identidade do povo brasileiro é uma mistura das culturas dos indígenas, dos negros e dos europeus ou não há uma identidade única, mas diversas identidades? Observe a sua comunidade, sua escola, sua cidade, as novelas na televisão e outros contextos que interessem e veja como consegue se posicionar quanto a essa polêmica.

Bem, se o etnocentrismo é a supervalorização de uma cultura e a ilusão de que ela é a única correta, então é porque existe mais de

uma cultura. Não só existe mais de uma como as culturas são diferentes: às vezes parecidas, às vezes antagônicas (contrárias). Não são a mesma. Com isso, você pode pensar na ideia de diversidade cultural, que diz respeito às diversas culturas específicas de grupos sociais determinados que se diferenciam na construção da humanidade. Veja mais um exemplo para que possa entender bem o conceito de diversidade cultural.

Alguma vez você já foi a uma floresta nativa? Como se sentiu? Eu já fui e me senti perdido. Sinceramente, fiquei com medo de adentrar muito para não correr o risco de me perder. Afinal, não conhecia nada ali. Ao contrário, nas cidades, em qualquer cidade, não me preocupo se posso ou não me perder. Até tenho medo da violência, assalto etc., mas não de me perder. E alguém que tenha vivido a maior parte da sua vida numa floresta, será que sente a mesma coisa que sinto? A floresta tem um sentido para um indígena, por exemplo, que tenha aprendido a viver ali. As árvores, os cipós, os cheiros, os rastros constituem um código, um sistema de signos, uma linguagem que ele compreende do seu jeito. Essa é a cultura dele. Ele aprendeu e construiu esses significados. Talvez, ao contrário, na cidade, os sinais de trânsito, as ruas, os veículos, essa linguagem que eu compreendo, lhe causem outro sentimento. Enfim, diante de uma mesma situação, o indígena e eu percebemos coisas diferentes e nos comportamos de formas diferentes. Eis a diversidade e a diferença entre nós.

Isso pode ajudar a pensar, então, que culturas diferentes têm lógicas diferentes, isto é, grupos sociais diferentes ordenam e organizam o mundo de maneiras diferentes, ao contrário da visão etnocêntrica na qual se pensa que outra cultura, por ser diferente, não tem lógica, não tem ordem, é irracional, é absurda.

Agora, que importância pode ter para você saber que existe uma diversidade de culturas? Ora, você já deve ter percebido que diferentes culturas se encontram, convivem umas com as outras, relacionam-se, entram em conflito, diferenciam-se. Na medida em que isso acontece, é preciso saber lidar com a diversidade sem querer necessariamente fazer com que a "sua cultura" ou uma suposta "cultura universal" se coloque sobre todas as outras. Pense bem nos exemplos anteriores.

Essa é uma questão bem importante, você não acha? Que cultura é essa na qual podemos perceber as diferenças entre culturas particulares? E por que as diferentes culturas se encontram nela?

A escola, que é espaço da diversidade, pois reúne homens e mulheres; crianças e adultos; negros e brancos; alunos, professores e funcionários; tem o papel de valorizar e respeitar a(s) cultura(s) com e pela(s) qual(is) diferentes pessoas e grupos sociais se fazem, chamam-se e sentem-se humanos.

Porém, antes de pensar na escola, pense na educação de um modo geral.

1.4 – O humano no humano: cultura e educação

As **culturas se transformam**. Transformam-se em ritmos diferentes umas em relação a outras, conforme o contato mais ou menos frequente entre elas e conforme novidades (inovações) vão sendo produzidas no devir cultural.

Não nos iludamos, hein! Cultura é um conceito para significar as práticas que constituem o jeito de viver e de pensar das pessoas e de grupos sociais. Já vimos isso. A cultura muda, portanto, quando as práticas sociais mudam.

As culturas se transformam também pela recepção que as novas gerações fazem daquelas práticas sociais ensinadas pelas gerações mais velhas.

Um exemplo: durante muito tempo acreditou-se na vocação feminina para cuidar do lar e da educação dos filhos e na vocação masculina para trabalhar fora de casa e participar da vida pública. Quanto tempo levou para que essas crenças fossem derrubadas e mulheres e homens pudessem assumir outros lugares sociais? Não é difícil para você pensar, então, que, se o papel das mulheres fica restrito ao ambiente doméstico, ela está excluída de outras atividades, que só os homens podem fazer.

Esse é um exemplo de prática social de restrição à participação de pessoas ou grupos sociais na vida pública. No caso, temos o exemplo da restrição da participação das mulheres na vida pública, que aos poucos foi sendo desconstruída e reconstruída.

Para que essa transformação (desconstrução e reconstrução) da cultura aconteça, as pessoas têm de ter um mínimo de participação nas práticas sociais. Para participar, precisam poder e saber agir, além de saber o que esperar (prever) como ação do outro. Isso seria quase impossível se as pessoas não conhecessem as regras, as normas de convívio, os símbolos, a língua, as relações de poder, enfim, os padrões de comportamento social.

Não é difícil perceber a situação das crianças quando chegam à escola, não é? Procure observar ou lembrar de alguma situação de aluno ou aluna recém-chegado na escola que possa exemplificar as dificuldades que alguém sente quando chega em um ambiente social novo para ela. Procure ver ou lembrar como essa pessoa foi recebida na escola e como ela foi se inserindo na vida escolar.

No interior da cultura, portanto, homens e mulheres recebem, aprendem, reproduzem, transmitem, transformam e criam o mundo e a humanidade por meio das práticas socioculturais. Com isso você já deve ter entendido que homens e mulheres se educam e são educados nessas práticas, quando **participam** de um mundo humano.

Participar sob dois sentidos: fazemos parte desse mundo e o assimilamos por um lado e, por outro, agimos nele, adaptando-nos.

Assim, é possível dizer que a educação acontece em todos os lugares em que as pessoas estão se relacionando umas com as outras: na família, no trabalho, no templo religioso, no quintal, no mato. Em qualquer ambiente desses, alguém educa alguém com ou sem intenção de educar.

O processo pelo qual homens e mulheres entram em uma cultura e aprendem a ser e a viver nela é denominado endoculturação.

A educação como endoculturação é a forma pela qual as pessoas aprendem a conviver socialmente, compartilhando, disputando e negociando valores, crenças, saberes, normas e significados. É, ao mesmo tempo, um acontecimento pessoal (educo-me com os outros) e social (sou educado pelos outros). E é, sobretudo, o modo como o humano se faz presente no próprio humano. É o modo como o humano transforma o humano. O humano transforma o humano pela educação, pela endoculturação, pelo apropriação da cultura.

Vamos lá! **Pratique**

Você deve estar pensando que, sendo a educação uma forma de transmissão cultural entre os indivíduos, então a cultura não se transforma. Será? Qual é o seu testemunho sobre isso? E o de seus colegas de trabalho? O seu modo de pensar e de viver é o mesmo dos seus pais, por exemplo? Pense na sua história de vida e procure saber da história de mais um ou dois colegas. Lembre-se de que escrever tudo é muito importante. Com esta atividade você poderá refletir sobre um dos aspectos pelos quais a cultura é preservada e transformada por homens e mulheres, quando é transmitida de geração para geração. Ao mesmo tempo, a atividade é um exercício de interpretação da realidade contextual a partir da memória pessoal. Um tipo de investigação que pode ser usado com outros sujeitos em uma pesquisa antropológica. O resultado da atividade deve ser uma dissertação narrativa na qual você deve contar como se posicionou diante dos seus pais ou pessoas mais velhas relativamente a algum evento polêmico, para que lhe fique explícito de que modo a cultura pode se transformar ou ser preservada, o que deve ajudá-lo a refletir sobre o que acontece na escola na relação entre adultos, adolescentes e crianças.

Se você notou que a educação é um acontecimento pessoal, precisa notar que homens e mulheres recebem o transmitido socialmente de forma pessoal. As pessoas ou grupos sociais (novas gerações ou novas profissões, punks, jogadores de futebol, por exemplo), com seu jeito próprio de receber e de se relacionar com o que recebem, com o que gostam ou desgostam, com o que valorizam ou desvalorizam, vão reinventando a(s) cultura(s). Portanto, é pela educação que a cultura e a humanidade são transmitidas, conservadas e transformadas. Educação tem tudo a ver com devir humano.

1.5 – Escola, cultura e cidadania

Desde o nascimento as pessoas aprendem a viver em uma cultura que as gerações anteriores criaram. Essa transmissão cultural é a presença do humano no humano. A educação é, em sentido bem amplo, o processo pelo qual homens e mulheres se fazem, chamam-se e sentem-se humanos por receberem e transformarem a cultura das gerações que os antecedem.

Você deve estar se perguntando: o que a escola tem a ver com isso, não é?

Pois bem, a escola foi criada como instituição educativa, para transmitir às novas gerações aqueles elementos culturais (saberes específicos, significados, procedimentos e valores) necessários à participação dos indivíduos na vida sociocultural, conforme a divisão do trabalho, do poder e do saber.

A necessidade de ensinar e de aprender saberes específicos para poder participar da vida sociocultural fez com que à escola fosse atribuída a função de cuidar e de ensinar, às crianças e aos jovens, conhecimentos (científicos e técnicos) e valores que não se aprende em casa nem na rua e, por outro lado, lugar em que se aprende (muitas vezes sem saber), de maneira diferente, os mesmos conhecimentos e valores que se aprende em casa e na rua.

A escola, mesmo sendo uma instituição criada especificamente para ensinar, é, como qualquer outra instituição social, um espaço em que homens e mulheres constroem, desconstroem e reconstroem cultura. Logo, é também um espaço educativo em sentido amplo. Contudo, a

escola tem a extraordinária tarefa social de criar intencionalmente as condições educativas para que as pessoas possam receber, desconstruir e reconstruir o mundo humano já construído.

A escola, em sua tarefa social, educa tanto para a obediência aos costumes (padrões de comportamento) sociais como educa para um posicionamento crítico e autônomo em relação a esses mesmos costumes.

RESUMO

Nessa primeira unidade você deve ter percebido que homens e mulheres não nascem humanos, mas se tornam humanos pelas transformações que realizam na natureza. Essas transformações realizadas por homens e mulheres é o que chamamos de cultura. Na cultura, as gerações mais velhas educam as novas gerações que, por sua vez, transformam o modo de viver no qual são educadas, vão se diferenciando dos mais velhos e construindo um novo modo de viver e uma nova humanidade.

Deve ter se dado conta, ao mesmo tempo, que a cultura é um conjunto de respostas de grupos sociais diferentes a exigências diversas da vida e que, portanto, há diferentes culturas; diferentes modos de viver que fazem de homens e mulheres seres diferentes entre si: diversas culturas, diferentes humanidades.

Você notou que, quando alguém valoriza sua cultura acima das demais, temos o etnocentrismo: aquela visão que põe a própria cultura como central em relação a outras, que se tornam periféricas.

Viu que a transmissão cultural, o cultivo que as gerações mais velhas fazem das gerações mais novas é a endoculturação, ou transmissão cultural, parte importante da educação humana de homens e mulheres. E viu, por fim, que, no processo histórico, a tarefa social da educação coube à escola, encarregada de ensinar ou criar as condições para que crianças, jovens e adultos possam aprender conhecimentos e valores específicos para responder às necessidades do modo de viver, criado por outros homens e mulheres que os antecederam.

Pratique *Vamos lá!*

Considerando o que você investigou até aqui, sobre o devir humano e suas relações com a cultura, com a educação e com a escola, procure descrever suas atividades na escola, para refletir sobre o conceito de humano que as orientam.

Com essa atividade espero que você possa demonstrar que compreendeu o conceito de "devir humano", isto é, de que homens e mulheres se tornam humanos pelas relações que estabelecem com outros homens e mulheres no contexto cultural e que a escola, como instituição social, busca educar homens e mulheres na humanidade. Assim, aqui você fará o exercício de descrever suas práticas de trabalho na escola, para refletir sobre o conceito de humanidade que as orienta: que tipo de pessoas eu ajudo a educar fazendo o que faço? O resultado da atividade deve ser uma dissertação em que você descreve as principais atividades que realiza na escola, seguido de reflexão crítica sobre o conceito de humano implícito nelas.

Saiba Mais

Leituras:

SANTOS, Luiz Carlos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUARTE JR. João-Francisco. O que é realidade. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Filmes:

O enigma de Kaspar Hauser, de Werner Herzog.

Greystoke, A Lenda de Tarzan, de Hugh Hudson - BB

Cidade de Deus, de Fernando Meirelles - Brasil

Unidade 2

Devir humano, linguagem e educação

Lembre-se de que o modo como você está recebendo o que está escrito neste caderno é sua maneira de transformar a cultura, a cultura escolar, a cultura humana. É um modo de desconstruir e reconstruir significados, procedimentos e valores. Tenha coragem! Fique firme na investigação!

Caro estudante.

Como se sente depois de ter lido e estudado a primeira unidade? Foi trabalhosa? Fez pensar? Espero que sim!

Se você sentiu alguma dificuldade, procure entender a origem dela: se foi por causa das palavras estranhas, cujos significados você não conhecia ou se foi por causa da forma como o texto está escrito ou se foi por causa do conteúdo do texto. E, se não foi por nenhuma das causas anteriores, pode ser que a escrita esteja mostrando um mundo diferente do que você está acostumado. São possibilidades de entender a eventual dificuldade que você tenha sentido!

Espera aí! Para que mesmo você está lendo este caderno? Para compreender o que está escrito? Para saber o que eu, como professor-autor, sei e penso sobre o assunto em estudo? Ou o texto é pretexto para você se perguntar, pensar e buscar respostas sobre como nos fazemos humanos na cultura e na escola?

As três alternativas ao mesmo tempo? Como assim?

Ah, sim! Você recebe do seu "jeitão" aquilo que tento lhe transmitir por meio da escrita. Então, na leitura, você precisa saber ler e interpretar o que está escrito? É isso? E eu escrevo tendo de saber escrever e expressar, pela escrita, o que penso e sei sobre o assunto de tal maneira que você possa ler e interpretar, não é isso? A escrita serve, ao mesmo tempo, para que eu expresse meu pensamento, para que eu e você possamos nos referir ao mesmo mundo, e para que você possa significar as suas vivências com base na leitura que faz, ao mesmo tempo que pode significar a leitura com base nas suas vivências. Buscamos nos comunicar, e, no entanto, nem nos conhecemos pessoalmente. Como isso é possível?

Eis o problema a ser investigado nesta unidade: como nos fazemos humanos na linguagem e nas práticas simbólicas?

Na unidade anterior, você viu que uma das práticas culturais pela qual construímos, desconstruímos e reconstruímos o mundo humano é a prática simbólica ou prática de linguagem. Aqui, você

verá como nessas práticas a simbolização e a comunicação se relacionam entre si e com o devir humano.

Minha ideia, nesta unidade, é de ajudá-lo a refletir sobre o sentido da linguagem na construção da humanidade de homens e mulheres, o que você fará ao compreender o que é a linguagem e o que faz de homens e mulheres seres simbólicos, por que a linguagem é um elemento no qual homens e mulheres se relacionam e nessas relações constroem, disputam e negociam sentidos para o mundo humano e por que o diálogo é fundamental na educação em geral e na educação escolar.

Muito bem, nos parágrafos anteriores, procurei chamar sua atenção para o seguinte: a linguagem nos possibilita ter contato uns com os outros. É uma das condições da vida sociocultural. Portanto, o humano se faz simbolicamente, é um ser que cria e usa símbolos com os quais e pelos quais significa o mundo e comunica aos outros, criando, então, um ou diversos mundos simbólicos.

Quando eu escrevo, crio um mundo simbólico. Quando você lê, poderá criar outro mundo com os mesmos símbolos que eu construí.

Contudo, nem sempre pessoas e grupos sociais conseguem se entender com outros sobre os significados que constroem no mundo. Pois é, como dizia **Platão**, a linguagem pode ser, ao mesmo tempo, remédio e veneno. Sim, pois se os significados são construídos na linguagem, homens e mulheres podem muito bem se enganar e serem enganados com ela. Com a linguagem, as pessoas podem tanto esclarecer quanto obscurecer. Tanto podem emancipar-se, tornar-se autônomas nos seus saberes, nas suas decisões e atitudes, como podem se iludir e ficar dependentes dos outros. Sobretudo quando os outros utilizam mecanismos de poder diversos, para evitar que a linguagem multiplique os significados e faça o pensamento fluir. Ou seja, usam a linguagem para conservar o mundo como está.

Platão foi um filósofo grego, que viveu no século V a.C.

Então, tanto as pessoas se entendem como se desentendem na linguagem. Tanto podem dizer o que querem como podem ficar limitados a dizer o que os outros querem que digam.

Você concorda que há situações em que as pessoas parecem com papagaios que só conseguem repetir o que os outros dizem e não conseguem dizer nem pensar diferente? Isso já aconteceu com você? Você teria condições de descrever uma situação em que isso aconteceu? Então escreva: onde, quando, com quem e o que aconteceu.

2.1 – Linguagem: conceito e elementos

A linguagem é elemento constituinte do humano, pois com ela homens e mulheres significam as coisas e os acontecimentos, expressam seus sentimentos e pensamentos, comunicam-se uns com os outros, entendem-se e desentendem-se entre si. Com a linguagem, homens e mulheres organizam o mundo humano, construindo sentido para o que aprendem e para o que fazem, bem como para o que existe e acontece no mundo.

Sem linguagem, a convivência humana seria muito diferente do que é. Tal como foi dito na unidade anterior, o devir humano tem elementos naturais e culturais. Isso quer dizer que há fatores biológicos que possibilitam significar, falar, escutar, escrever, ler e sentir, por exemplo. Nosso corpo, por assim dizer, possui certas condições para a linguagem.

Mas esse equipamento corporal será suficiente para poder expressar, representar, significar e comunicar? O fato de você poder escutar ou emitir algum som, ler ou escrever alguma palavra, ver, sentir ou fazer algo lhe garante que possa construir significados para o som, para a palavra ou para ação?

Parece que não. Afinal, quando nasceu, já existia uma linguagem à sua disposição, na qual você aprendeu a ser e na qual aprendeu a se relacionar com os outros. Mesmo aqueles indivíduos cujo corpo não apresenta todas as condições biológicas para aprender a falar, por exemplo, conseguem se relacionar com os outros por meio de outras formas de linguagem, que não a oral.

Pratique *Vamos lá!*

Na escola em que você trabalha existem alunos com necessidades educativas especiais? Veja se consegue identificar suas necessidades e, depois, procure observar como elas se comu-

nicam com as outras crianças e com os professores, para ver que tipo linguagem usam, conforme a necessidade. Procure perceber como as diferenças, quando se relacionam, promovem a igualdade de direitos entre elas.

Com essa atividade é importante que você possa compreender que existem diferentes linguagens e que, na escola, onde existem pessoas diferentes, é preciso que todos possam se comunicar, com linguagens adequadas, na educação da humanidade. Além disso, a atividade é um exercício de observação sobre o comportamento de grupos específicos na escola, o que pode ajudá-lo em outros momentos, e de reflexão sobre as diferenças e a igualdade na escola. Como resultado, você deve descrever as diferentes necessidades especiais dos alunos que frequentam a escola e indicar como cada uma delas se comunica com os outros, dizendo que tipo de linguagem usa. Não deixe de consultar pessoas, livros ou outras fontes que possam ajudá-lo na descrição.

Pois é, além dessa capacidade biológica, a linguagem é um sistema simbólico: um conjunto de signos que podem ser combinados e usados segundo regras. Esse sistema simbólico é criado culturalmente. É óbvio, portanto, que você precisa conhecer e saber usar alguma linguagem para poder expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções, representar as coisas e acontecimentos do mundo e comunicar-se com os outros.

Com a linguagem você tem condições de simbolizar, e com a simbolização tem condições de significar e registrar acontecimentos que não podem ser repetidos, nem revividos. Que importância tem o registro de acontecimentos? Ora, os outros só saberão desses acontecimentos e aprenderão alguma coisa sobre eles se estiverem registrados.

Como você saberia alguma coisa sobre a chegada dos portugueses nessas terras, chamadas de Brasil, se Pero Vaz de Caminha não tivesse escrito cartas?

A simbolização é uma espécie de tradução de outras coisas— em palavras, desenhos, gestos, sons, objetos etc. de outras formas que não são palavras, desenhos, gestos e sons, por exemplo, assim como a linguagem.

Tente pensar numa situação do dia a dia, como o recreio em sua escola. Que sentido tem o recreio para alunos, para professores e para funcionários? Quando você faz esse questionamento, percebe que só pode saber o significado para cada um desses grupos se as pessoas falarem ou descreverem para você em palavras, certo?

Agora se coloque numa outra posição: ao invés de tentar escutar e tomar a linguagem oral/verbal (as palavras faladas de alunos, de professores e de funcionários) para saber o significado do recreio, procure observar você mesmo como as pessoas se comportam nesse intervalo de tempo.

Você percebe como os alunos se movimentam, conversam, gritam, correm, brincam, riem, choram...E como os professores e os funcionários, em geral, não ficam no pátio da escola no momento do intervalo, a não ser quando precisam cumprir alguma função específica?

Observando e descrevendo o que percebe, você criará significados para o recreio sem precisar perguntar a outras pessoas. Como isso é possível?

Em outras palavras

Simbolizar é transpor em signos e símbolos as ideias, os acontecimentos, os pensamentos, os sentimentos, as coisas, as pessoas e outros signos e símbolos

Ao fazer isso, você **simboliza**, transformando o comportamento dos alunos, dos professores e dos funcionários em expressão simbólica. Usando palavras, você está simbolizando. Ao usar palavras você está a significar o que percebe e pode registrar para transmitir a outros. Talvez você possa dizer: "os alunos se sentem livres no pátio" ou "o pátio deixa as crianças enlouquecidas!", conforme a visão simbólica que você já tenha construído com experiências anteriores, ou seja, com seus pré-conceitos.

Na descrição, você usará um repertório de palavras que conhece para poder expressar o que percebeu ou sentiu ao observar os alunos no pátio, ou seja, vai falar ou escrever a alguém conforme as condições linguísticas que tiver para isso. Mas você poderá simbolizar por desenhos também. Talvez, quem escutar ou ler o que você escreveu ou desenhou não entenda tal como você pretendeu expressar. Isso é um problema, porque os signos se tornam independentes dos sujeitos quando são expressos.

No caso da minha escrita, por exemplo, as palavras que você está lendo têm o significado da sua leitura e, ao mesmo tempo, o significado com o qual eu as escrevi.

Você compreendeu o conceito de simbolização e como construímos um mundo simbólico? Então, faça isso: observe o recreio. Depois, procure conversar com alguém (um colega de trabalho, talvez) tentando dizer em palavras ou desenhos o que você observou e o que entendeu que acontece lá. Preste atenção se seu colega concorda com você. Preste atenção, sobretudo, em como você pode ficar sabendo se o seu colega concorda ou não com você. Qual o papel da linguagem e da simbolização nessa relação entre vocês?

Vamos lá! **Pratique**

Com esta atividade espero que você consiga compreender com maior nitidez a relação entre o que acontece e o que se diz, na construção da realidade. Com a atividade, você poderá fazer mais uma experiência de observação e descrição, agora enriquecida pelo diálogo com outro observador.

O resultado desta atividade deve ser o registro por escrito ou em outra linguagem, das conclusões do estudante sobre suas observações e diálogo com o colega, de modo a que fique explícita a compreensão da simbolização como expressão da percepção e como representação de um acontecimento, isto é, de modo que fique claro que o que se diz não é o mesmo que acontece.

Como construção e como prática cultural, as linguagens podem ser transformadas pela apropriação e pelo uso (prática) que as pessoas fazem quando as aprendem, criando novos **significados** para os signos e novos signos para expressar e representar novos pensamentos, sentimentos e acontecimentos. Mas, o que significa mesmo "significado"? Que pergunta estranha, não? Qual o significado do significado?

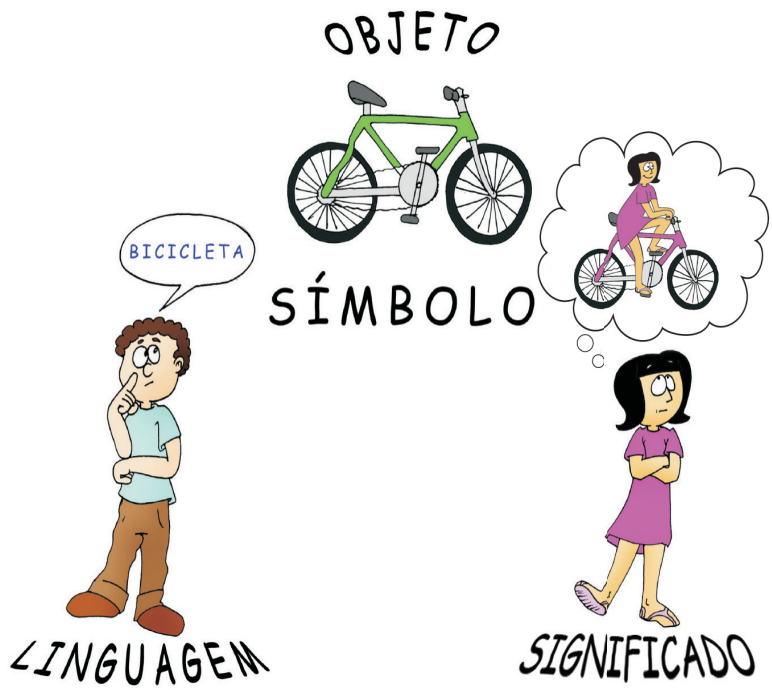
Em outras palavras

O **significado** é algo que o homem cria a partir dos signos e símbolos. É o que as pessoas pensam que os acontecimentos, pessoas e palavras dizem a elas.

Acontece que os signos são significantes, assim como os acontecimentos e os próprios homens são significantes para outros homens. Os signos possibilitam a construção de significados pelos quais homens e mulheres se situam no mundo. No caso do exemplo da floresta, na unidade anterior, tanto para o indígena como para mim as árvores são significantes. Porém, o significado da árvore é diferente para cada um de nós. Por isso, o mundo do indígena é diferente do meu. Cada um tem um mundo simbólico relativo à cultura na qual foi educado

Então, os signos são significantes porque possibilitam que você construa, expresse e comunique significados com eles, para dizer aos ou-

tros o que sente, vê, pensa, isto é, para compartilhar, disputar e negociar o sentido do mundo com os outros.



Atenção

Registrando em signos ou símbolos os acontecimentos do mundo, seus sentimentos, emoções e pensamentos podem tornar-se presentes para você mesmo e para os outros. Isso permite lembrar e pensar o passado, viver e pensar o presente e imaginar o futuro. Com a linguagem, então, instaura-se a historicidade no homem e, com ela, a humanização da natureza.

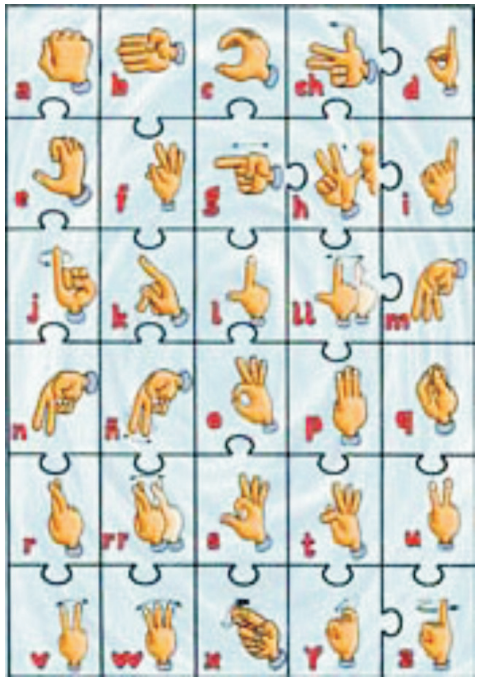
A linguagem também é inseparável da imaginação e da criação. Por isso, você pode dizer, tranquilamente, que o devir humano é simbólico e acontece na linguagem. Ou seja, são homens e mulheres que criam, juntos com outros homens e mulheres, o sentido da vida e do mundo humano. Não há humano sem linguagem.

Você se expressa na sua língua, certo? Mas o modo como você fala é o mesmo de outras pessoas que compartilham essa língua com você? O modo como falam na sua região sempre foi o mesmo? Você diria que a língua que você fala é a mesma que seus antepassados falavam?

2.2 – Linguagem e língua

Você, talvez, possa estar a se perguntar se **linguagem e língua são a mesma coisa, já que antes os exemplos eram sobre falar e escrever**.

Respondo a você dizendo que são e não são. Quero dizer, assim, que a língua é um tipo de linguagem entre muitos. A língua é linguagem, mas não é toda linguagem, muito embora seja, ao longo da história, a linguagem mais importante para homens e mulheres. Tradicionalmente, as linguagens são classificadas em dois grandes tipos: as não-verbais e as verbais.



Entre as não-verbais você encontra a linguagem por sinais, por gestos, por desenhos, por cores etc. Já a linguagem verbal são as diversas línguas faladas e escritas no mundo (portuguesa, tupi-guarani, espanhola, inglesa, por exemplo).

As línguas são convencionais, foram criadas por homens e mulheres em determinadas condições históricas e foram se constituindo em estrutura independente de quem as usa.

Como estrutura, a língua pode ser entendida como um código, um sistema simbólico, pelo qual os signos se movimentam, indo do falante ao ouvinte, do escritor ao leitor. Para que esse movimento seja possível, tem de haver um emissor (falante ou escritor) que codifica (simboliza) na língua o que pensa, percebe, sente e emite um signo para um receptor (ouvinte ou leitor) que o recebe e decodifica. O emissor e o receptor precisam compartilhar e saber usar a língua na sua estrutura (ter competência para isso, ter participação numa comunidade linguística) e saber usá-la de sua própria maneira (desempenho — atos de fala ou de linguagem que realiza), ou seja, ter um "jeitão" de falar que comunique, que os outros possam entender.

Codificar e decodificar signos supõe que as línguas sejam transparentes como códigos. É como se o que fosse dito na fala ou na escrita tivesse um significado preciso, que pode ser compreendido pelo simples fato de se saber usar a língua. E se alguém não consegue entender os

significados próprios da língua é porque não tem competência, não sabe usá-la. Esse é um jeito de significar e entender a língua.

Contudo, há outro jeito. Veja: quando você aprendeu a falar, quando aprendeu a usar a língua portuguesa, ela já tinha sua estrutura, porém só ao vivenciar suas experiências com ela é que a língua passou a existir, na prática, para você. Então, as práticas socioculturais com a língua dizem respeito, primeiramente, à fala humana. Homens e mulheres, ao falarem, criaram a língua como uma instituição sociocultural, para poder expressar alguma coisa para os outros, independentemente das regras de combinações e uso que a estruturam.

Ao mesmo tempo em que homens e mulheres criaram a língua, o humano passou a ser criado na linguagem, como conceito, como sentido da vida de homens e mulheres, cuja existência vai sendo marcada pelos limites da língua e do emissor que expressa esse conceito, por sua própria boca e pela boca dos outros. Assim, você, por exemplo, vai se tornando aquilo que você mesmo diz e o que os outros dizem e escrevem a seu respeito e para você. Os limites criados pela língua permitem ou impedem você de pensar sobre o que dizem que você é. Você é levado a pensar que só pode fazer o que dizem que pode fazer e ser como dizem que deve ser.

Contudo, um mundo novo pode se abrir quando você se perguntar sobre o significado do que é dito e escrito a seu respeito e sobre a validade ou verdade desse significado.

Quer dizer que um mundo novo se abre quando você percebe que pode ser você mesmo e não o que os outros dizem que deve ser.

Tem muita gente que pensa que pessoas sem escolarização têm dificuldades para aprender, para compreender conceitos e que elas têm preguiça de pensar. Você concorda com essa posição? Você poderia descrever um ou mais exemplos que mostrem se essa ideia é verdadeira ou se é falsa?

Pois é, é na linguagem e na língua que você se torna o que é e pode mudar seu mundo e a si mesmo, mudando, ao mesmo tempo, a linguagem e a língua, quando cria outras formas de falar, de expressar e de comunicar.

Na linguagem e com a linguagem é que homens e mulheres se encontram com os outros e podem perceber e imaginar como os outros pensam e vivem, do que gostam ou não gostam, o que valorizam ou não valorizam, o que sabem e o que não sabem. Mas, é na linguagem, também, que homens e mulheres constroem e aceitam muitos **preconceitos**.

Preconceitos são significados construídos por outros que aceitamos sem perguntar pela sua verdade e validade para a vida social, ou melhor, eles já estão validados para nós quando não nos preocupamos em questioná-los, como você pode perceber na reflexão anterior.

Com a linguagem, portanto, você pode virar as costas ou pode tentar se colocar no lugar dos outros para conhecê-los, o que sugere que haja comunicação entre diferentes.

2.3 – Linguagem e comunicação

Como você já viu, é preciso compartilhar e saber usar uma linguagem para que haja comunicação. Pode ser, por exemplo, a linguagem dos sinais ou a língua portuguesa. E é preciso, também, que se pratique essa linguagem. Com isso, você tem condições para expressar e significar alguma coisa: sentimentos, pensamentos, saberes, conhecimentos, opiniões.

Entretanto, o problema que você está investigando é como nos fazemos humanos no e pelo uso da linguagem (práticas simbólicas), lembra?

Lembra também de que, se a linguagem não é transparente para o receptor, então ele tem de dialogar com o emissor: fazer perguntas, conversar etc. É preciso saber se o que ele entendeu é o que o emissor queria dizer. Quando isso acontece, emissor e receptor estabelecem um tipo de interação em que ambos trocam de papéis. Já não são mais emissor e receptor. São agora **interlocutores**.

Em outras palavras

Interlocutores são aqueles que estão envolvidos num processo de comunicação: emissor e o receptor; os dialogantes, enfim, são pessoas que se relacionam na e pela linguagem, sabendo usá-la

Mas o que é preciso, então, para que a comunicação aconteça?

É preciso que a linguagem seja compartilhada, que os significados possam ser expressos e mais: é preciso que possam ser compreendidos e que haja interação entre emissor e receptor de tal modo que se façam interlocutores. A comunicação acontece com base nos signos, nas regras de combinação e uso dos signos na linguagem, com base nos significados que os signos podem possibilitar e, o mais importante, com base no entendimento e cooperação entre os interlocutores na construção dos significados.

Pense nos meios de comunicação com os quais nos relacionamos diariamente: TV, rádio ou jornal, para citar os mais tradicionais. Que tipo de cooperação ou interação há entre quem emite (apresentadores, locutores e escritores) e quem recebe (espectadores, ouvintes e leitores) os signos? Como você se coloca diante de um noticiário de televisão, por exemplo? Não vá adiante sem pensar nisso!

Com os meios de comunicação parece que não há interlocução, não é? Você é um mero espectador, ouvinte e leitor. Só tem direito de entender aquilo que é dito sem poder questionar, pedir esclarecimentos, ter mais informações. Embora receba informações, não está autorizado, socialmente, a questioná-las. Não existe interlocução com os meios de comunicação.

Assista ao noticiário da televisão. Preste atenção em quem tem autoridade para participar da construção do significado dos acontecimentos do dia. Quais são as pessoas que opinam e defendem algum significado sobre acontecimentos políticos ou econômicos, por exemplo? Não deixe de anotar suas conclusões.

A comunicação exige ações cooperadas e interativas. Isso quer dizer que, para comunicar-se você precisa estar em contato com o seu interlocutor.

Na comunicação, contudo, os interlocutores não têm de chegar a acordos e produzir significados coletivos. O caso é que, estando em

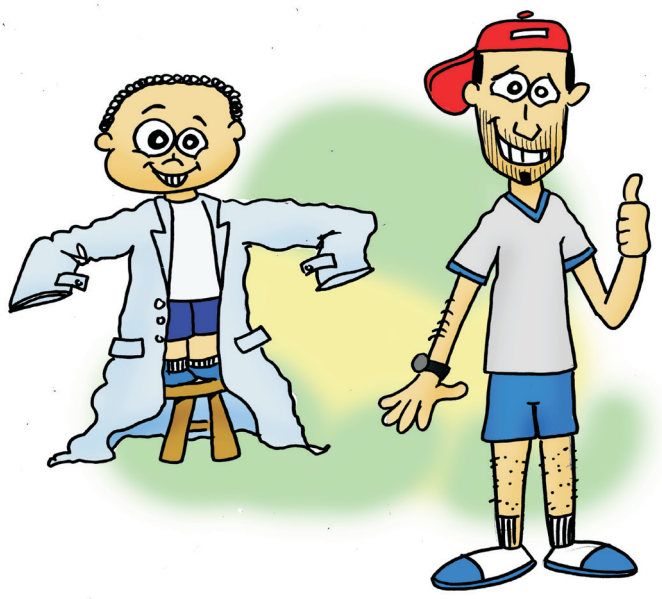
contato, você pode interagir, participar, questionar, ter uma compreensão mais consistente do que o outro diz e, com isso, fica melhor informado, podendo se posicionar melhor em relação ao que é dito.

Na comunicação, portanto, os interlocutores podem trocar diferentes perspectivas e colocarem-se no lugar um do outro. Nessa condição é que se estabelece o diálogo. Assim, eu posso muito bem aprender que a floresta tem um significado para o indígena que não é o mesmo para mim. E você pode aprender e compreender que o que o recreio significa para os alunos não é o mesmo que para os professores e funcionários, por exemplo.

2.4 – Diálogo, comunicação e educação

Diálogo é a palavra compartilhada. Uma situação de interlocução ou interação pela linguagem, em que os participantes têm direito à fala e, é claro, direito e dever à escuta.

E por que o diálogo é fundamental na comunicação?



Ora, porque dialogando é possível perceber as diferenças e negociar, disputar, compartilhar o sentido do mundo humano.

Mas, preste atenção: a história da humanidade e dos grupos humanos é a história de transformações, de mudanças, o devir, justamente na tentativa de criar condições para a vida social. Assim, segundo o mais conhecido educador brasileiro, Paulo Freire:

> **O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos (...). Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem (FREIRE, 1987, p.122-3).**

O diálogo vivenciado na busca da comunicação pode levá-lo a assumir uma atitude crítica, isto é, uma postura de quem é e quer ser autônomo no pensamento e na ação. Essa postura assumida no diálogo pode levar a duas situações. A primeira é a de produzir significados coletivos, acordos sobre o mundo, sobre nós mesmos, sobre a vida. É o que se costuma chamar de consenso.

A segunda abre para múltiplas possibilidades de significação com base no fluxo das diferentes falas (culturas e pensamentos) que se manifestam no mundo, ao contrário da ideia de uma fala (cultura e pensamento) única e universal. Aqui a comunicação visa à expressão para que os diferentes possam trocar posições.

Procure pensar sobre as situações de diálogo de que você participa na escola. Aquelas informais com os colegas na hora do cafezinho e aquelas institucionais, como uma reunião de trabalho. Você nota alguma diferença? Em que consiste essa diferença? Para que fique bem nítido para você, procure descrever em detalhes uma e outra situação, assim poderá comparar melhor. Caso não participe de situações formais de diálogo, procure entender por que, abrindo diálogo com a comunidade escolar.

Apesar de diferentes, em uma ou em outra situação, uma cultura do diálogo educa no diálogo, isto é, pode possibilitar que os diferentes se encontrem para dizer uns aos outros o que pensam, como vivem e o que esperam da vida, além de possibilitar que, desse encontro, novos significados possam ser criados. Dialogar com um aluno sobre o que ele pensa sobre o recreio pode levar você a ter outra visão do aluno, do recreio e de você mesmo. Nesse sentido, o diálogo é educativo, a educação é dialógica e tem tudo a ver com o devir humano.Contudo, se você quiser compartilhar a palavra, não é apenas pela compreensão dos significados que vai conseguir. Você precisa construir a situação para poder validá-los. Não é porque um significado é compreendido que ele pode ser considerado válido, isto é, aceito. Voltando à situação da sua relação com este texto, por exemplo, pode ser que você não tenha nenhuma dificuldade de compreensão de seu conteúdo. Mas isso não significa que o esteja aceitando para as suas práticas escolares. Mesmo sem compreender e aceitar poderá, contudo, ressignificar o seu próprio modo de agir. Uma educação dialógica, assim,

é sempre uma educação crítica que consiste na possibilidade de os interlocutores trocarem de papéis, exporem o sentido daquilo que fazem ou dizem quando querem ensinar e aprender, de tal maneira que quem escuta possa questionar, duvidar, expressar outros significados até poder compreender e aceitar ou criar outras possibilidades de significação.

Então, você pode dizer que uma educação dialógica e crítica se afirma na base da interação, da interlocução, do diálogo e da argumentação, que compõem um momento participativo de reflexão e significação, mas nunca se afirma apenas na repetição daquilo que "as autoridades" dizem: governantes, estudiosos, padres, pastores, professores, entre muitos.

Pois em que consiste educar-se e educar senão em compreender e tomar posição frente ao sentido da fala e da ação (práticas e atitudes) do outro, para que possamos também falar e agir?

2.5 – Escola, comunicação e cidadania

Na escola, como um espaço cultural e social, muitas vezes supõe-se que o significado das coisas, dos acontecimentos, das ações e mesmo dos conhecimentos podem ser transmitidos transparentemente pela linguagem. Basta alguém dizer alguma coisa que o outro compreende o sentido do que é dito! Mas, se Platão estivesse certo, você precisaria pensar melhor sobre isso, não é? Sim, pois, como acabou de ver, a linguagem não é tão transparente assim: podemos tanto nos entender como nos desentender na linguagem. Que influências isso pode ter em seu trabalho na escola?

Retome a situação do recreio que você observou para pensar nos efeitos da linguagem e do diálogo no devir humano. Tente entender melhor isso.

Você viu que os significados podem ser construídos a partir da observação de situações novas e de significações já construídas em outras experiências (pré-conceitos). Assim, não é difícil notar que, de alguma maneira, essa relação também se dá na linguagem (no simbólico).

Homens e mulheres regram, disciplinam, controlam o comportamento pelos significados. Com a significação modelam valores, poderes

e formas de inclusão e de exclusão nos grupos sociais. A linguagem tanto pode cristalizar ideias, significados e comportamentos, como pode multiplicá-los e diversificá-los.

Essas duas posições podem levar à tomada de decisões na escola, conforme aquilo que nela se tem entendido por educação, considerando que a escola tenha um projeto político-pedagógico e que a comunidade tenha participado na construção do significado da educação proposto nesse projeto.

Por exemplo, com base na segunda significação, gente louca é gente que não sabe e não pode conviver com outros, então precisa ser disciplinada para que possa se comportar como pessoa normal. A disciplina na sala de aula e o controle das pessoas no recreio seriam práticas educativas com esse fim. Contudo, nesse exemplo, não se questiona se o comportamento exigido na sala de aula tem algo a ver com o comportamento do recreio, isto é, se a disciplina exigida em sala não afeta o comportamento no recreio.

Será que afeta?

Como instituição que educa, a escola se faz em um espaço de participação, de interlocução, de compartilhamento, de disputa e de negociação de significados que implicam transformações na vida de cada um dos que a frequentam.

Você pode pensar, então, que a linguagem tem uma dimensão comunicacional que possibilita compreender o significado expresso por alguém pelo diálogo, isto é, no momento da interlocução, quando dois ou mais indivíduos (duas ou mais culturas) se relacionam por meio da linguagem.

Nas relações e pelas relações que homens e mulheres estabelecem com a linguagem, com o mundo e com os outros na e pela linguagem que criam, mantém, transformam e recriam as instituições, os valores, as relações, enfim, organizam a vida e o mundo dando a eles sentido e constituindo o modo de viver humanos, por meio da cultura e identidade. Com a linguagem, homens e mulheres se educam e são educados. Tornam-se humanos.

RESUMO

Nesta unidade de estudos, você deve ter compreendido como a linguagem é importante para o devir humano e para a educação de homens e mulheres, pois nela é possível registrar acontecimentos, falar do mundo, expressar o que acontece no nosso corpo e pensamento e, sobretudo, na linguagem nos relacionamos com os outros de tal modo que ela é fundamental para ensinar e para aprender a viver humanamente.

Você deve ter se dado conta, depois, que a língua que falamos é um tipo de linguagem: a linguagem verbal. Deve ter notado que aprendeu a ser o que é escutando o que outros dizem a respeito de homens e mulheres em geral e a seu respeito.

Em terceiro lugar, você deve ter visto que a linguagem permite a comunicação quando pessoas a compartilham, sabem usá-la e interagem entre si por meio dela. Por meio da linguagem, duas ou mais pessoas podem conversar, questionar-se e negociar sentidos.

Por fim, deve ter notado que a comunicação e o diálogo possibilitam que, na relação com os outros, com os diferentes, podemos construir consensos ou afirmar nossas diferenças. Em ambos os casos, construímos e refletimos, junto com os outros, sentidos para a humanidade: aprendemos nossa humanidade e a humanidade dos outros conversando crítica e autonomamente com eles.

Entreviste alguns professores e funcionários da escola em que você trabalha (pode ser uns 7) e pergunte: o que significam minhas atividades na escola para educação dos alunos? Anote as respostas. Depois, compare-as entre elas e com o significado que você mesmo dá a suas atividades de trabalho. Por fim, com base na comparação, tente responder às seguintes perguntas: 1) os significados são os mesmos para todos que você entrevistou? 2) nas respostas há alguma coisa diferente sobre suas atividades que você ainda não tinha se dado

conta, no que diz respeito ao seu caráter educativo? 3) você entende que, a partir do que ficou sabendo dos seus colegas de escola, suas atividades podem ter um significado diferente do que você dava a elas?

O resultado desta atividade deverá ser um relatório descrevendo e comparando as respostas de pelo menos 7 pessoas (entre professores e colegas) que trabalham na escola sobre o significado do seu trabalho para a educação dos alunos, seguido de uma reflexão crítica sobre as respostas obtidas, com vistas a construir um novo significado, se for o caso.

Leituras

BORDENAVE, Juan E. Diaz. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 1982.

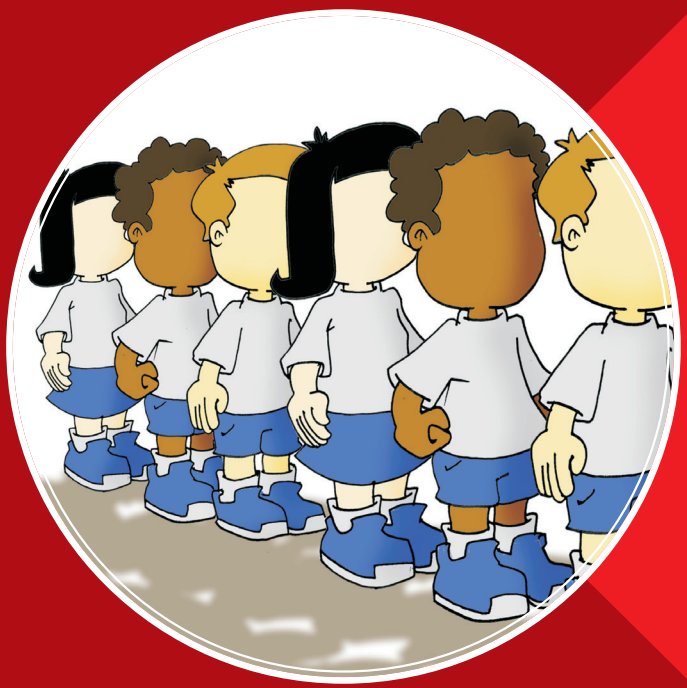
HOUAISS, Antônio. O que é língua. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Filmes

Ilha das Flores, de Jorge Furtado

Domésticas – O Filme, de Nando Olival e Fernando Meirelles

Cidade de Deus, de Fernando Meirelles



Unidade 3

Devir humano, trabalho e educação

Na unidade anterior, você estudou a linguagem como uma das condições do devir humano, pois, com a mesma, homens e mulheres se relacionam uns com os outros e nas relações tanto se diferenciam como se aproximam em acordos. Nesse sentido você pode dizer que o devir humano é devir simbólico, pois o significado do que é humano é construído na linguagem, no diálogo com outros. Quer dizer que, sem linguagem, a humanidade de cada um não tem sentido. O trabalho que cada um desenvolve pode ser compreendido de maneiras diferentes, como você pode ter notado com a atividade realizada no último "pratique".

Sabendo disso, nesta unidade, então, podemos passar a estudar outra das condições básicas do devir humano: o trabalho, pelo qual homens e mulheres transformam a natureza, o mundo e a si mesmos.

Assim, aqui, espero ajudá-lo a refletir sobre o sentido do trabalho na construção da humanidade de homens e mulheres, a partir das seguintes perguntas: que influência pode ter o trabalho no devir humano? Como nos fazemos humanos no trabalho? Por que as condições de trabalho e suas transformações diferenciam socialmente homens e mulheres uns em relação aos outros?

Como o tema atravessa várias disciplinas deste curso, vou levantar algumas questões rápidas e específicas sobre o trabalho como elemento de criação e transformação do humano. Questões sobre as quais você pode começar a pensar aqui e continuar a pensar ao longo do curso e da vida.

Você deve lembrar que, na unidade 1, relacionei trabalho com uma dimensão prática da vida humana. Lembra? Trabalho como prática de transformação da natureza.

Você concorda que com o trabalho a natureza é transformada? Veja: a sardinha que nadava livre nos mares, um ser vivo, agora é sardinha enlatada, alimento industrializado. O petróleo que estava escondido no subsolo terrestre, agora é combustível. As árvores da floresta que guiavam o indígena no seu caminho e me assustavam agora viraram móveis e casas. São inúmeros os

exemplos e todos eles estão ao alcance dos nossos olhos e das nossas mãos, são tangíveis.

Mas não se engane, pois, com o trabalho homens e mulheres também transformam as forças materiais em forças simbólicas: linguagens, valores, ideias. O que se faz com os braços também se faz com o pensamento. E vice-versa. Com a diferença de que com os braços o trabalho é feito com força física e com o pensamento se usa força intelectual, imaterial. Contudo, não é difícil notar que você pensa quando trabalha fisicamente e, de alguma maneira, usa força física no trabalho intelectual.

Então, mesmo que o seu trabalho aparentemente exija apenas força física, há nele, também, forças simbólicas e normativas que o controlam. É sobre isso que eu gostaria de convidá-lo a investigar e refletir nesta unidade.

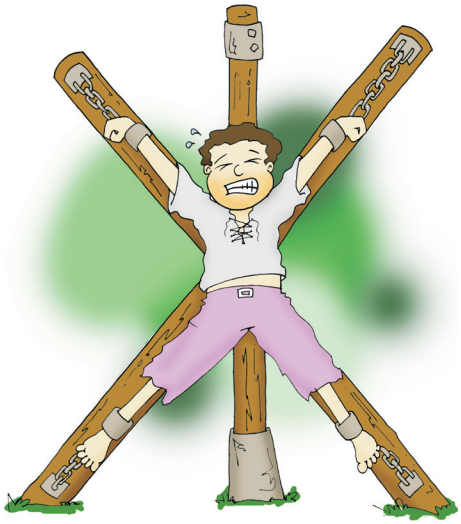
Tente transformar a situação em um problema, partindo das seguintes perguntas: a humanidade se faz no trabalho? Será que nosso trabalho tem alguma coisa a ver com o que sou? Trabalhando estou educando? Se educo outros e me educo no trabalho, como isso acontece?

3.1 – Trabalho: conceito

Comece a responder às perguntas anteriores pensando no significado de trabalho. Na unidade anterior, você viu o que é simbolizar e significar o mundo pela palavra e como, com isso, é possível tomar consciência e/ou enganar-se no que se pensa sobre o mundo e sobre os outros.

Viu também que os significados são criados por homens e mulheres, portanto, podem ser transformados, esquecidos e recriados. Nesse sentido, a pergunta a ser feita é: o que significa trabalho?

Antes de seguir a leitura, escreva o que você pensa que é o trabalho. Ao final da unidade, retome o que escreveu e faça uma crítica.



A origem da palavra trabalho está no substantivo da língua latina tripalium, que era usado para nomear um instrumento agrícola formado por três paus pontiagudos, usado para bater cereais. Há a hipótese de que o tripalium também teria sido usado como instrumento de tortura. A esse substantivo liga-se o verbo tripaliare, cujo significado é torturar. Como você pode notar, o **significado etimológico** da palavra trabalho tem a ver com sacrifício, com dor, com sofrimento. Foi com esse significado que a tradição do pensamento ocidental começou a pensar o trabalho.

Entre os antigos gregos, o trabalho era relacionado com a escravidão. A escravidão, na filosofia de **Aristóteles**, por exemplo, funda-se no pensamento de que há homens que, naturalmente, não são livres porque dependem do trabalho para sobreviver e, por isso, não podem desenvolver plenamente a natureza humana: usar a razão.

Em outras palavras

Etimologia é o estudo da origem das palavras. Muitos pensadores buscam na etimologia elementos para entender melhor o significado corrente ou para mostrar como o significado foi transformado pelo movimento histórico.

Entre os romanos, o trabalho seria uma espécie de castigo, uma punição para os derrotados nas guerras. Os romanos escravizavam os povos dominados pela força de seus exércitos.

Aristóteles foi um filósofo grego que viveu no século IV a.C.

Já entre os cristãos, na Idade Média, o trabalho era associado à dor, ao sofrimento e à servidão.

Atenção

No Brasil, ainda hoje, temos notícias de que pessoas são escravizadas por outras, o que é, por direito, considerado crime.

Dos gregos ao final da Idade Média, o trabalho era símbolo de exclusão social, ou, pelo menos, as pessoas que dependiam do trabalho não participavam da vida pública e da construção de conhecimentos.

Como assim "símbolo" de exclusão?

Alguns trabalhavam para a sobrevivência de todos, enquanto outros se dedicavam ao conhecimento, à espiritualidade e ao governo. Segundo esse jeito de pensar, o verdadeiro "ser humano" se aproxima mais das coisas espirituais, enquanto aqueles que produzem apenas as condições materiais de sobrevivência (para si e para os outros) estão mais próximos da animalidade. Ou seja, o trabalho era considerado "coisa de bicho".

É que os antigos acreditavam que a verdadeira vida humana, a vida ideal, a natureza humana, estava na vida contemplativa; na vida dedicada ao conhecimento e à virtude moral. A vida contemplativa é aquela em que você se dedica exclusivamente ao pensamento e às coisas da alma e do espírito, para atingir a perfeição e o encontro com as forças superiores da natureza ou coisas divinas.

Contudo, a partir do Renascimento (séculos XV e XVI, na Europa) e com a modernidade, o trabalho ganha outro significado (e outro valor): passa a ser considerado uma força de criação, como modo de intervenção humana na natureza, para transformá-la.

Segundo Hegel, filósofo alemão no início do século XIX, "foi com o trabalho que o ser humano 'desgrudou' um pouco da natureza e pôde, pela primeira vez, contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais" (Konder, 1991, p.24). Quer dizer que, diferentemente dos antigos e medievais, os modernos passam a ver a humanização no trabalho e não mais apenas sofrimento e castigo.

Esse significado dá outra importância ao trabalho. Ele já não é mais "símbolo de exclusão", mas é o modo como o humano se afirma diante da natureza. A verdadeira natureza humana já não está mais em contemplar a natureza e na realização moral, mas está na capacidade de agir sobre a natureza. Veja que o significado do trabalho torna-se diferente para os modernos em relação aos antigos e aos medievais.

Na modernidade, então, o trabalho é valorizado como prática cultural pela qual o homem deixa de se sentir submetido às forças da natureza, passando a se sentir dono do seu nariz. Isso significa que o homem (a espécie humana) ganha liberdade e faz a sua própria história pelo trabalho. Contudo, esse homem de que se fala é apenas um conceito, uma significação, conforme o que já se estudou sobre cultura e linguagem nas unidades anteriores.

Considere o que você pensa que é o trabalho e o que significa trabalhar. Você concordaria com Hegel de que pelo trabalho homens e mulheres se tornam livres em relação às forças da natureza e produzem a sua história com liberdade? E na relação entre os homens, é possível pensar o mesmo, de que nas relações de trabalho homens e mulheres são livres entre si?

Independência do homem em relação à natureza é um significado possível para trabalho.

Para mim, nesse momento, trabalho significará o modo como, diferentemente de outros animais, homens e mulheres podem projetar e produzir os meios para sobreviver e viver melhor. Ou seja, trabalho será a palavra que utilizarei para significar a atividade humana ou a prática cultural pela qual homens e mulheres constroem material e simbolicamente o mundo humano: cultivando alimentos, criando instrumentos, construindo moradia, sabedoria, normas de comportamento e de convivência etc. Com essas práticas, homens e mulheres educam uns aos outros e se posicionam no mundo como humanos.

Trabalho, bem entendido, não é o mesmo que emprego. Ter emprego significa ocupar um cargo ou um posto de trabalho socialmente reconhecido. Contudo, mesmo que não tenhamos um emprego não deixamos de trabalhar, isto é, de produzir as condições materiais e simbólicas de vida, ainda que essas condições sejam apenas individuais ou familiares.

Você pode pensar, assim, que toda prática cultural é trabalho, na medida em que, com elas, homens e mulheres agem em um mundo já construído, para transformá-lo em outro mundo com a esperança de uma vida social melhor.

3.2 – Trabalho, técnica e tecnologia

O mundo, hoje, não é mais o que já foi alguma vez. Nem o mundo natural, nem o mundo humano. Isso porque, além das forças da natureza, a força do trabalho humano atuou para transformá-lo. Mas, isso não se deu só por meio da força física, pois a força intelectual também contribuiu. Homens e mulheres desenvolveram instrumentos e formas de trabalhar e produzir as condições para sobreviver e viver melhor, de tal maneira que mudou as próprias condições de trabalho.

O que quero dizer com isso?

Afirmo, assim, que o mundo humano é o mundo da cultura, produto da simbolização, do regramento e do trabalho de homens e mulheres.

Com a simbolização, homens e mulheres podem registrar e construir significados. Com isso produzem conhecimentos.

Com o regramento, organizam, hierarquizam e controlam (disciplinam) as relações sociais.

Com o trabalho, agem sobre a natureza e sobre si mesmos. Com isso, produzem material e simbolicamente suas condições de vida.

Assim, podem conhecer, significar, inventar, planejar, organizar e fazer (produzir) o que é necessário para a sobrevivência e para o bem-estar de todos.

Homens e mulheres precisam de conhecimento para produzir e usar o que têm disponível para conservar e transformar a vida humana. Meios de comunicação a distância como a TV, o telefone, o celular, o rádio, a internet; equipamentos hospitalares que permitem fazer exames com precisão; equipamentos domésticos como geladeira, fogão, micro-ondas etc, só existem porque homens e mulheres aprendem a produzir e usar o conhecimento e, com isso, aprendem a produzir equipamentos que ajudam a produzir outros conhecimentos e novos equipamentos, cuja finalidade deve ser o bem viver de todos.

A criação e produção desses equipamentos acontecem graças à técnica e à tecnologia. Mas o que significam a técnica e a tecnologia?

Em palavras mais elaboradas, **técnica** é um tipo de conhecimento necessário para obter melhores resultados no trabalho, na educação, na economia, na política, enfim, em qualquer tipo de atividade, sobretudo úteis à produção das condições da vida coletiva. O trabalho feito com conhecimento de técnicas é um trabalho técnico.

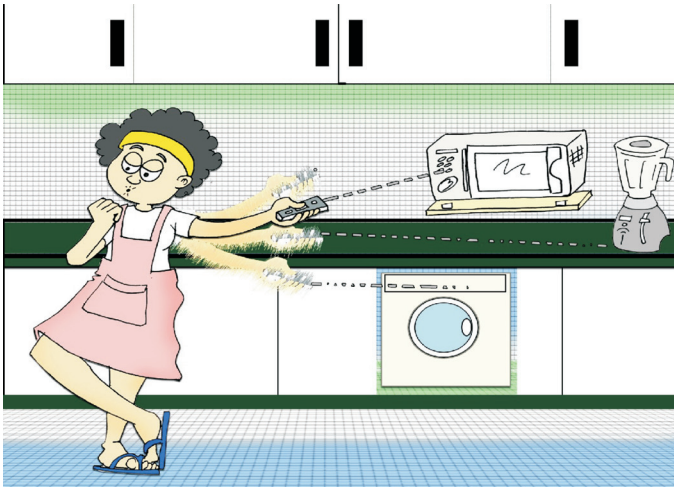
Por exemplo, a cozinheira domina técnicas de cozinhar. Ela tem experiência prática nisso. Na medida em que registra o que faz e possibilita a reprodução das suas experiências, para que ela mesma ou outras pessoas possam fazer as mesmas ações para obter os mesmos resultados, ela produziu um conhecimento técnico: um conhecimento que diz o que alguém deve fazer para preparar uma refeição gostosa, por exemplo.

Em outras palavras

Técnica significa um tipo de conhecimento prático que é construído para reproduzir o mundo material e sua forma simbólica.

Atenção

Já a tecnologia significa um conhecimento construído pela investigação sobre as técnicas, isto é, tecnologia seria o estudo das técnicas mais apropriadas (eficientes e eficazes) a serem aplicadas na produção, circulação e comercialização do que foi produzido. Tecnologia significa, ao mesmo tempo, um conhecimento necessário à invenção e à produção de equipamentos que tornem mais eficientes e eficazes a produção das condições de vida da humanidade.



Por exemplo, a invenção do fogão à lenha, depois, do fogão à gás, depois, do forno elétrico, depois, do forno de micro-ondas. Todos são resultados da evolução tecnológica, em que um equipamento vai superando o outro, com agilidade, eficiência e eficácia no cozimento. E, parece claro, cozinhar em micro-ondas muda as práticas de cozimento, muda as refeições e os hábitos alimentares, ou seja, as condições materiais de cozimento e alimentação se tornam diferentes para as pessoas. Com isso, os significados e valores alimentares também mudam. Muda o mundo humano.

Não é difícil perceber que o trabalho se torna diferente e o trabalhador, no caso, por exemplo, a cozinheira que prepara o alimento, também deverá mudar.

A escola em que você trabalha dispõe de tecnologia. Quais e em que espaços da escola? Como ela tem sido utilizada nas práticas diárias da escola? Para fazer seu trabalho você precisa de conhecimentos técnicos?

3.3 – Trabalho manual e trabalho intelectual

Se toda prática cultural é trabalho, pois com elas homens e mulheres transformam a natureza e o mundo humano, e as práticas culturais são diferentes, então você pode notar que há diferentes tipos de trabalho e diferentes formas de trabalhar. Quando homens e mulheres percebem que pelo trabalho podem garantir a sobrevivência e viver melhor, fazem do trabalho o centro da organização da vida social. Essa organização dividiu o trabalho entre homens e mulheres e sofreu

transformações históricas, devido ao aparecimento de novas condições de trabalho, de novas práticas produtivas, que dizem respeito às transformações técnicas e tecnológicas do mundo humano.

Vamos lá! **Pratique**

Liste e descreva cada um dos tipos de trabalho realizados na escola, procurando ver se há alguma hierarquia entre eles e com base em que essa hierarquia é estabelecida. Atente às diferenças entre trabalho manual e trabalho intelectual caso perceba relações hierárquicas.

Com esta atividade espero que você consiga identificar a diferença entre as atividades realizadas na escola e como são as relações entre elas. O resultado da atividade deverá ser a elaboração de uma lista completa dos trabalhos realizados na escola (aulas, merenda, secretaria, direção etc.), com a descrição de cada um, para que você possa concluir acerca das relações hierárquicas e das bases pelas quais a hierarquia se sustenta. Esteja atento, especialmente, à diferenciação e relações entre trabalho manual e trabalho intelectual na escola.

Escrevi anteriormente que há tipos diferentes de trabalho e que na organização social o trabalho é dividido. A divisão do trabalho gera uma hierarquização na sociedade. Uma das divisões que ocorre é aquela que separa trabalho manual e trabalho intelectual.

Pelas rápidas informações históricas apresentadas na seção sobre o conceito de trabalho, espero que você tenha percebido que o trabalho desvalorizado, usado para punir, fazer sofrer e excluir, é o trabalho manual, isto é, aquele que supostamente exige apenas força física.

Essa divisão se baseia na diferenciação entre teoria e prática, que se estabeleceu na organização social desde os gregos antigos e torna-se ainda mais enfática no mundo moderno, com as transformações na economia a partir da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII.

Tal divisão favorece a hierarquização na sociedade, que põe o saber teórico ou trabalho intelectual ao lado do poder e o trabalho manual sob domínio e controle do saber. Isso leva a crer que existem pessoas que sabem mais e outras que sabem menos; que existem pessoas cultas e pessoas incultas; que as pessoas cultas (que sabem mais) são melhores, mais humanas do que as incultas (que sabem menos). Ou seja, há

A divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual remonta à classificação do conhecimento em teorético e técnico e este em ação e fabricação, feita por Aristóteles, na antiguidade.

uma significação e valorização do trabalho intelectual em contrapartida a uma desvalorização do trabalho manual, este subjugado, ficando o trabalho intelectual para quem "sabe mais" e o trabalho manual para quem "sabe menos". Nesse sentido, quem sabe mais manda, tem poder, e quem sabe menos obedece.

Você concorda com isso que leu agora? Você pensa que algumas pessoas valem mais do que outras por causa do conhecimento que têm e do trabalho que fazem?

3.4 – Trabalho, alienação e educação

Aqui cabe chamar a sua atenção apenas sobre a visão simbólica que a modernidade criou para o trabalho, tornando o humano uma abstração de si, pela qual homens e mulheres perderam o rosto.

Como assim?

É que, com a Revolução Industrial, o conhecimento e os equipamentos técnicos e tecnológicos automatizam o trabalho, tornando-o mais mecânico, mais previsível e dividido. O trabalhador, homens e mulheres de carne e osso, passa a ser função do trabalho. O trabalho passa a ser uma espécie de espaço vazio que o trabalhador vai preencher. Quando um estiver cansado, ele é dispensado e outro entra em seu lugar.

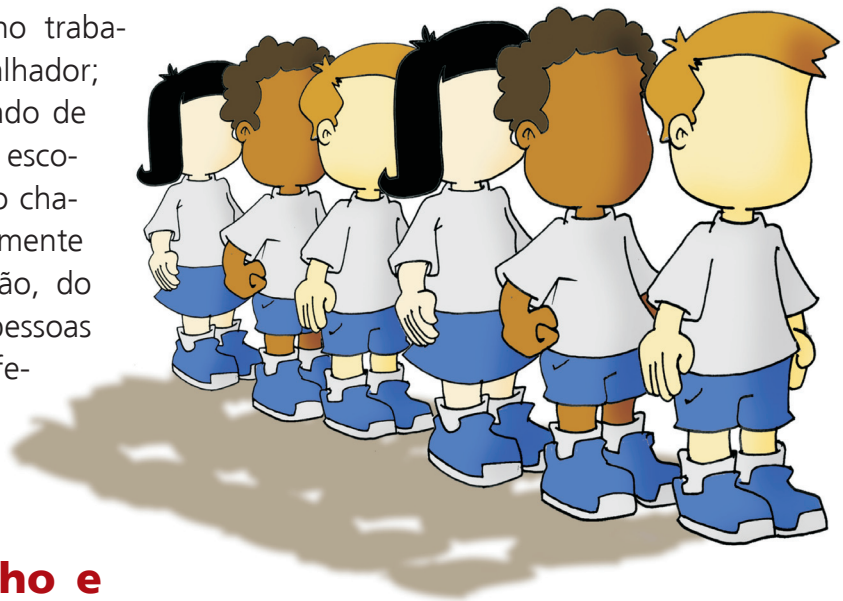
O trabalho já não é mais trabalho. É uma função social e o trabalhador já não trabalha mais, naquele sentido de transformar livremente a natureza e a ele mesmo para produzir-se como humano. Passa simplesmente a cumprir uma função cujo fim ele desconhece: não tem consciência. Essa falta de consciência de homens e mulheres no trabalho, simplificadamente, você pode chamar de alienação.

Converse com alguns colegas de trabalho, os funcionários educadores. Pergunte se o que eles fazem na escola tem algum objetivo educativo. Tente saber se o objetivo do trabalho na escola tem a ver apenas com a presença das crianças ou se teria algum outro objetivo que não esteja imediatamente relacionado com a escola.

Bem, se trabalho é toda a prática cultural, como eu disse, então quando você está educando, está trabalhando, e vice-versa. Você concor-

da? Agora, se o trabalho ou a educação faz você esquecer que o que realiza constitui o devir humano, então trabalha alienadamente. Consequentemente, educa sem saber que educa. Se for assim, você se esquece no trabalho e na educação que faz, ao mesmo tempo, esquece da sua humanidade e da humanidade de quem por você é educado.

Decorre dessa situação que, no trabalho, você é chamado de trabalhador; exercendo sua função é chamado de funcionário; assim também na escola crianças, jovens e adultos são chamados "alunos" independentemente dos seus rostos, do seu coração, do seus desejos etc. É como se as pessoas de carne e osso não fossem diferentes uma das outras, já que são funções da sociedade



3.5 – Escola, trabalho e cidadania

Nesta seção, vou resumir a unidade para que você possa investigar as relações do trabalho com a escola e a cidadania.

Primeiro, o trabalho foi significado como prática cultural pela qual homens e mulheres transformam o mundo já existente. Você viu que o trabalho é um símbolo central na organização da vida social, pois dele depende as condições de sobrevivência da humanidade, seja o trabalho manual ou intelectual. Viu que as condições de trabalho mudam com as transformações técnicas e tecnológicas e que, em decorrência disso e de outros fatores, trabalho e trabalhador ficam alienados das finalidades da ação do trabalho, que é a construção do humano na sua humanidade.

Para que direção estamos indo? Não sabemos, apenas estamos indo..

Viu que em qualquer tipo de trabalho homens e mulheres se transformam e educam. Contudo, se o trabalho é realizado em um espaço especificamente criado para educar, como a escola, é preciso ter claro que direção tem a educação realizada no seu espaço de trabalho, isto é, na escola.

Chamo a sua atenção, novamente, ao fato de que, na escola, assim como em qualquer espaço social, você está sempre educando. Sabendo disso, pode, então, agir de forma profissional, cidadã e humana, tendo consciência "do que faz" e "para que faz". Isto é, precisa decidir qual educação oferecer aos alunos da escola em que trabalha junto com todos os que estão envolvidos nessa educação.

.

RESUMO

Para esta unidade, o importante era pensar um pouco sobre as relações entre trabalho, educação e escola. Nos estudos, você deve ter compreendido que o trabalho é essencial para a produção do mundo humano, pois é trabalhando que homens e mulheres o constroem e o transformam, e que com o trabalho nos educamos e educamos aos outros com ou sem consciência de que o estamos fazendo. Deve ter se dado conta de que um educador profissional não pode estar alienado quanto ao aspecto educativo de suas atividades de trabalho e que, se é pelo trabalho que homens e mulheres transformam as condições de vida, é pela educação que as novas gerações aprendem a viver nessas novas condições e aprendem, também, a criar novas condições. Por isso, é importante que a escola e o trabalho escolar possam acompanhar os avanços tecnológicos da humanidade.

Vamos lá! **Pratique**

Convide alguns alunos para passar meia hora junto com você no seu espaço de trabalho (na cozinha, no pátio, no banheiro, na secretaria) e procure explicar a eles o que você faz, por que e para que está fazendo. Diga a eles, também, qual a relação e a importância do seu trabalho na educação deles. E, é claro, deixe-os perguntar e dizer o que pensam também. Depois, relate a experiência por escrito, compare-a com os resultados do último Pratique da unidade 2, sobre o significado do seu trabalho, para professores e funcionários da escola.

Com esta atividade gostaria que você pudesse aproveitar os resultados do último Pratique da unidade 2, para construir, junto com os alunos, um sentido educativo para o seu trabalho na escola. A ideia é que, depois de ter conversado com professores, funcionários e alunos, você possa tomar consciência de como o trabalho é significado na comunidade escolar e qual o sentido dele na construção da humanidade de homens e mulheres. É um exercício de narração, de observação, de descrição e diálogo, que deve ter como resultado uma dissertação, na qual você deve contar a conversa com os alunos, seguida de uma comparação com o significado educativo do seu trabalho construído na unidade 2, para ver se houve alguma evolução que possa orientar transformações práticas na sua rotina.

Leituras

Saiba Mais

ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

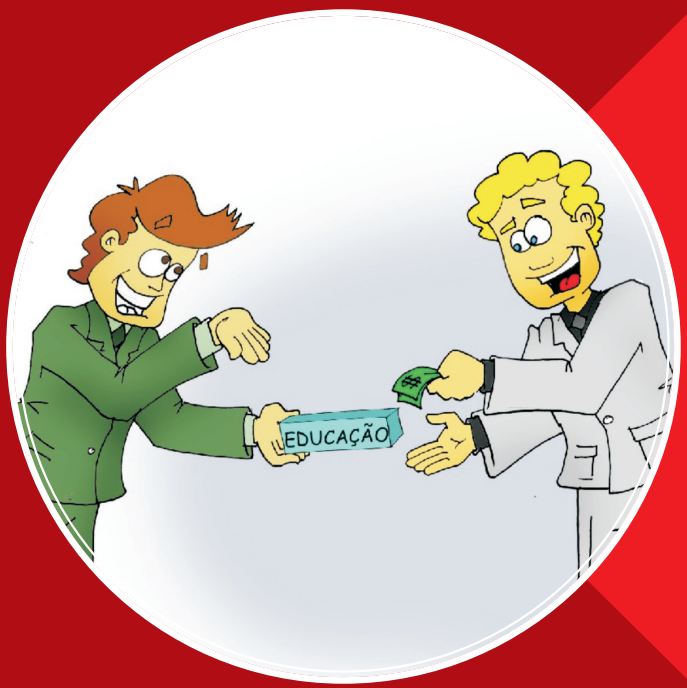
KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHAUI, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980.

Filmes

Tempos modernos, de Charles Chaplin

Eles não usam black tie, de Leon Hirszman



Unidade 4

Devir humano, valores e educação

Caro Estudante,

Coloque-se a seguinte pergunta: como e com base em que se pode decidir sobre uma educação escolar possível e desejável? Reflita sobre isso, lembrando-se de que: 1) a humanidade é uma construção cultural e que homens e mulheres se fazem, se sentem e se chamam humanos conforme a educação que recebem; 2) a linguagem é uma das condições fundamentais da educação, pois é com ela que homens e mulheres constroem significados para a humanidade e, da mesma maneira, comunicam, disputam, acordam uns com os outros acerca deste significado; 3) com o trabalho, manual e intelectual, homens e mulheres transformam o mundo e a vida, logo, transformam a humanidade e, por isso, o trabalho é outra condição da educação e do devir humano.

Contudo, a linguagem e o trabalho não são suficientes para decidir sobre uma educação possível e desejável, pois essa decisão tem a ver com valores. Logo, você deve buscar respostas àquela pergunta nos elementos que vou introduzir a seguir, para que você possa continuar firme na investigação sobre o devir humano: os valores com os quais homens e mulheres fazem escolhas, tomam decisões e se posicionam diante do mundo e de outros homens e mulheres.

Nesta unidade, portanto, vou provocá-lo a refletir sobre o sentido dos valores na construção da humanidade de homens e mulheres. Essa reflexão passa pela compreensão sobre o que são os valores e que tipo de valores existem; como os valores afetam a vida das pessoas no seu dia a dia; por que os valores são tão importantes na educação em geral e na educação escolar e, sobretudo, passa pela compreensão de que o "humano", a "humanidade" é um valor que pode orientar nossas escolhas sobre a educação escolar.

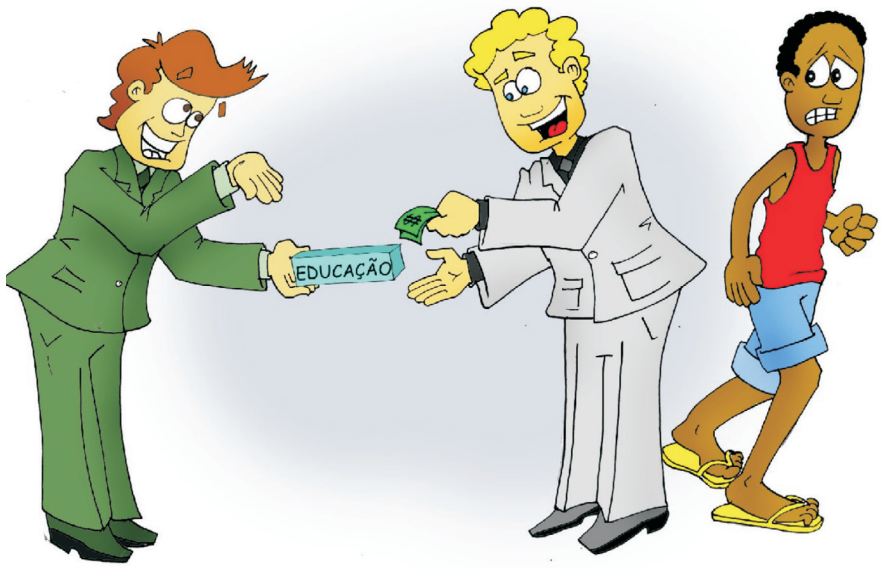
Retome, então, a investigação: como nos fazemos humanos nas e pelas práticas valorativas?

Valores? Vem cá, a dignidade humana tem valor? Quanto custa? Dá para comprar? Dá para trocar? É possível vender? Quanto se paga por ela?

Calma aí! Essas perguntas se referem a apenas um tipo de valor, que é o valor de mercado, isto é, o preço estipulado na troca de uma mercadoria por dinheiro. O valor de mercado tem uma forte influência na organização do mundo humano, atualmente. Tanto que quando se fala em valor, logo se pensa em dinheiro.

O valor de mercado interessa aqui apenas para chamar sua atenção de que a educação, elemento central no devir humano, tem sido valorizada como mercadoria de uns tempos para cá. Mercadoria cara! Não é para qualquer um, não!

Já com espírito crítico, imagino que você esteja a se perguntar: e quem não puder pagar pela educação o valor de mercado, como fica?



E eu respondo: para essa cultura que valoriza tudo como mercadoria, quem não puder pagar fica de fora, fica excluído! Simples, não?

É claro que não é assim tão simples, pois a educação e a dignidade humana têm outros valores que não os do mercado, pelos quais você não paga em dinheiro, mas com a própria dignidade: são valores estéticos, éticos e políticos.

Você quer saber qual desses valores é mais caro? Será o do mercado ou serão os outros?

Bem, essa é uma questão que você mesmo pode decidir. Para isso precisa pôr todos na ponta do pensamento e escolher o valor de cada um.

O que você quer saber? Quer saber o que é que estou dizendo quando escrevo sobre valores?

É só continuar com a leitura, então!

4.1 – O conceito de valor

Quando escrevo sobre valores, refiro-me àquelas referências simbólicas pelas quais você dá ou não importância ou peso às coisas, às pessoas, às ideias, às ações e aos acontecimentos. Os valores não deixam que você fique indiferente ao mundo e aos outros. Com base neles é que você diz: isto é caro! Aquilo é feio! Fulano é honesto! Isso que você fez foi uma injustiça comigo! A dignidade vale mais do que o sucesso. Com os valores você faz escolhas, toma decisões, define suas preferências.

Dar importância ou não é o mesmo que valorar ou atribuir valor a alguma coisa, a alguma pessoa, a alguma ideia, a alguma atividade. Por isso, quando você valora não fica neutro. Assumindo uma posição sobre aquilo que valora diante de outras posições possíveis, você disputa, negocia e constrói a vida e o mundo humano. Também os valores são construídos social e culturalmente e você participa da construção e da transformação deles, aceitando ou não aceitando os valores ensinados a você.

Sendo construídos socialmente, os valores não estão nas pessoas, nem nas coisas, nem nas ideias, nem nas atividades e nem nos acontecimentos. Tampouco em quem os valora. Os valores resultam de juízos (aquilo que dizemos) que as pessoas fazem conforme a relação que estabelecem com outras pessoas, com as coisas, com os acontecimentos etc., aceitando-os ou rejeitando-os, dando mais ou menos importância, defendendo-os ou atacando-os, mas jamais ficando indiferentes.

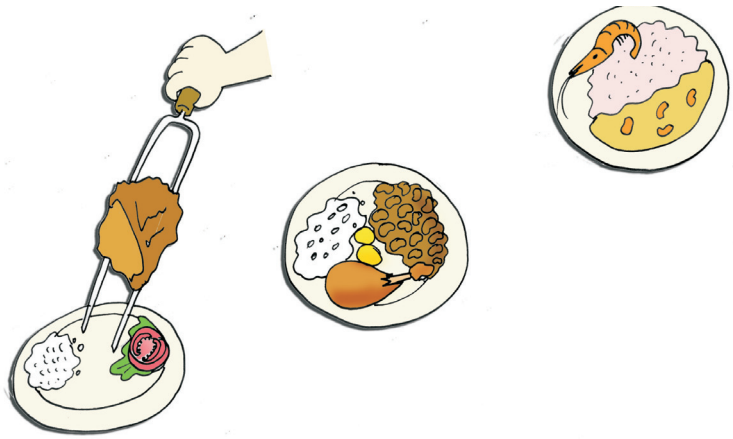
Por exemplo, você pode valorar o trabalho dizendo: "trabalho é liberdade, por isso é bom!" ou então: "trabalho é sacrifício, por isso é ruim".

Ao mesmo tempo, como você nasceu em um mundo cheio de significados e valores criados por seus antepassados, aprendeu com eles a valorar (atribuir valor, avaliar, apreciar) afirmativamente certas coisas (gosta, acha importantes) e outras a valorar negativamente (não gosta, acha que não são importantes).

Não é difícil de entender isso, é? Em todo o caso, veja um exemplo do seu dia a dia: a alimentação.

Você sabe bem que no Brasil há uma enorme variação geográfica (clima, vegetação, solo etc.). Essa variação oferece diferentes repertórios alimentares (frutas, carnes, refeições, temperos etc) nas diferentes regiões, do Rio Grande do Sul ao Amapá. Assim, as pessoas aprendem a gostar de comer certas coisas enquanto outras aprendem a gostar de outras. Se me perguntarem, por exemplo, se um churrasco de costela bovina é mais ou menos gostoso do que carne de bode assada (vejam que são dois pratos semelhantes), eu não terei dúvida em dizer que o churrasco de carne bovina é mais gostoso. E você, dirá o mesmo? E entre pinhão (semente do pinheiro-do-paraná ou araucária, árvore de floresta de clima frio) e pinha (fruto da pinheira, semelhante à fruta-do-conde, típica das regiões de clima quente), o que você prefere?

É diferente dizer, por exemplo: "o pinhão é marrom e a pinha é verde" do que dizer que "o pinhão é mais gostoso do que a pinha", não é? A segunda expressão é tipicamente um juízo de valor. Na comparação, eu afirmo que o pinhão é melhor do que a pinha. E você poderá dizer que a pinha é melhor do que o pinhão.



As preferências alimentares são bons exemplos para entender como alguém valora, aprecia, avalia: os alimentos têm sabores, mas alguém só diz se são mais ou menos gostosos conforme o que sente ao comê-los. Conforme o gosto, que aprende a ter a partir dos hábitos alimentares.

Entretanto, os valores não expressam apenas os sentimentos. Com eles você expressa o modo como sente o mundo (valores estéticos), o modo como entende que devam ser as relações entre as pessoas (valores morais), bem como suas posições em relação à vida pública (valores políticos), como ficará mais claro a seguir.

Enfim, reafirmo que valoramos com base no que sentimos e com base no que aprendemos com os outros nas condições em que vivemos.

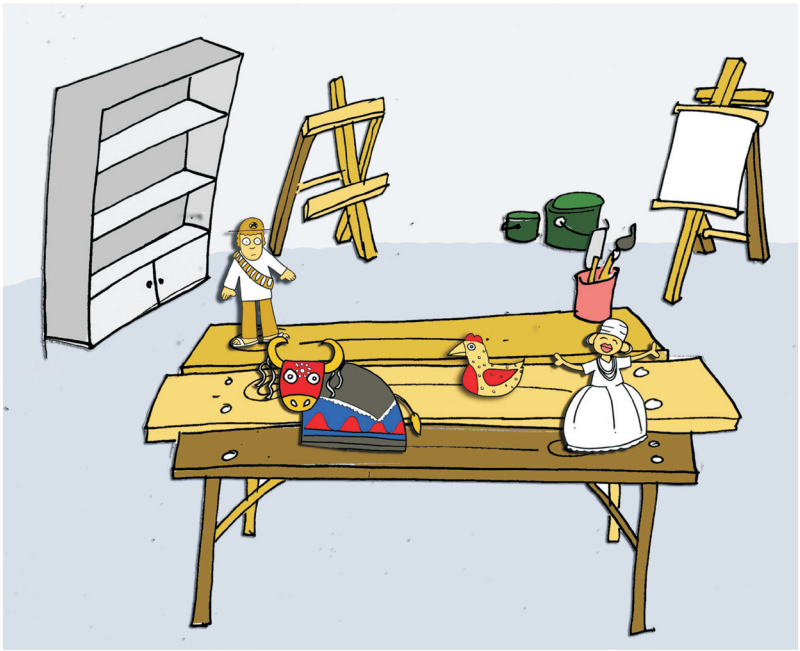
Você, certamente, acha que algumas coisas são belas. Pense em uma. Ela é bela por que tem beleza ou por que você a sente bela? Ou será bela porque todo mundo a vê assim?

4.2 – Valoração estética

Você, talvez, já tenha passado em frente a um salão de beleza. Talvez até já tenha entrado em um deles para fazer algum tipo de transformação no corpo: cortar o cabelo, fazer um penteado, arrumar as unhas, uma maquiagem. Quando fez isso, o que esperava? Suponho que esperava mudar a aparência para uma mais agradável, mais bela, mais interessante. Mas tudo isso aos olhos de quem? Como sabe se ficaria mais bela ou belo, interessante e agradável?

Outro nome que se dá aos salões de beleza, de uns tempos para cá, é o de estética, você já notou? E você consegue fazer alguma relação entre "salão de beleza" e "estética"? Entre ter uma aparência mais agradável e valor estético?

Essa reflexão não foi difícil. Pois é, a estética diz respeito à afetividade e sensibilidade, à percepção e ao sentimento das pessoas em relação às coisas, às outras pessoas, às ideias. Para expressar o que sente, você se vale de diversas possibilidades: a fala, a escrita, os gestos, o desenho, a música, o artesanato, a dobradura, a aparência do corpo. Enfim, usa uma linguagem, como viu na unidade 2, para fazer metáforas, transformar sentimentos em signos para dizer aos outros como se sente e como sente as coisas, as pessoas, os acontecimentos, a vida social.



A expressão em signos que afeta a sensibilidade humana é a arte. A arte é o elemento cultural criado para manifestar os valores estéticos; elemento importantíssimo, então, de uma cultura e da educação nessa cultura. Pela arte você aprende a apreciar o gosto, o prazer e a beleza, assim como o desgosto, a dor e a feiura. Também pode expressar a vida como comédia ou tragédia por meio da arte.

Mas, e quanto aos valores estéticos? Quando é que você valora esteticamente o mundo?

Valora esteticamente quando diz se alguma coisa é bela ou feia, se é agradável ou desagradável, se causa prazer ou dor, se é de rir ou de chorar, por exemplo. Quando diz isso está atribuindo valor estético.

Atenção

Um exemplo de certos padrões de aparência e de beleza que não são os nossos são os modelos e manequins humanos: magros, altos, sorridentes e, até bem pouco tempo, brancos. É como se fossem a perfeição e tivessem de agradar a todos. Daí, sonhamos em ser como eles ou tê-los presente nas nossas vidas.

Até aí tudo bem. Todos têm liberdade para se expressar e valorar a expressão dos outros. O problema é quando, num mundo em que os diferentes se encontram, você percebe certos padrões de aparência e de beleza que não são os da cultura em que vive. Não são aqueles criados na sua cultura e que, muitas vezes, sequer lhe são possíveis e mesmo assim entram e fazem parte da sua vida como se fossem naturais e válidos para todo mundo. Apoderam-se das suas significações e põem em xeque os seus próprios padrões estéticos.

Quando o funk se tornou um gênero de música apreciada por crianças e jovens, o que você sentiu? O que sente quando vê crianças e jovens escutando, cantando e dançando funk na escola? Então, o que pode acontecer nessa situação em que valores que não são os seus entram na sua vida?

Ao longo da minha escrita, insisto na importância de você se colocar e se posicionar diante do outro, para o outro.

Quando o outro coloca seus valores em xeque, ele lhe põe numa situação crítica, cuja consequência não é nem a supervalorização dos padrões dele nem a sua autodesvalorização em relação a ele. Ou seja, assumindo uma postura crítica, o que pode acontecer são transformações na sua cultura e na do outro. Você pode receber a imagem do outro sem que precise desvalorizar a sua própria. Constrói assim uma nova sensibilidade para a valoração estética. Sobre o funk, citado anteriormente, você precisa se posicionar diante do próprio estilo musical e diante das crianças e dos jovens que o apreciam.

Na escola isso é importantíssimo. Possibilitar que as pessoas possam expressar e trocar seus sentimentos,

sua imaginação, suas intuições, seus gostos, é valorizar a criatividade e a construção de maneiras diferentes de produzir sua própria imagem e participar da desconstrução e reconstrução da cultura a partir da escola.

Pergunte-se: o que me agrada e me provoca maior emoção? Alguma coisa engraçada ou alguma coisa triste? Peça, na biblioteca da escola ou na biblioteca municipal ou a algum amigo, dois textos literários. Um engraçado (comédia) e outro triste (tragédia). Faça a reflexão com base na leitura e no seu sentimento em relação aos textos. Aprecie também a escrita dos autores, se são textos que dão prazer na leitura ou se são textos *chat*os.

4.3 – Valoração ética

Homens e mulheres são educados nas relações sociais e, nessas relações, óbvio, relacionam-se com outros homens e mulheres. Para que as relações se mantenham (e se transformem), cada um tem de corresponder às expectativas dos outros. No esforço dessa correspondência, seguem certas normas e certos valores que orientam o padrão de comportamento que constitui a vida social. O comportamento considerado correto para a vida social é chamado de moral e a valoração da moral é chamada valoração ética. Ou seja, pela valoração ética você diz se alguém age correta ou incorretamente do ponto de vista da boa convivência.

Homens e mulheres se tornam morais ou éticos na educação, nas relações que estabelecem com os outros, quando aprendem a se comportar corretamente e a valorar os comportamentos e ações dos outros e, sobretudo, os seus próprios comportamentos e ações em relação aos outros.

Nas relações sociais, quando você é obrigado a se comportar de determinada forma, conforme normas e valores com os quais não concorda ou não participa da sua construção, pode dizer que não decide como se comportar, pois seu comportamento obedece ingenuamente a determinações de outros. Está diante da heteronomia, isto é, você obedece a normas e valores morais definidos à revelia de sua vontade e de sua consciência. Ao contrário, quando decide como deve se comportar, aceitando as regras de convivência e participando na

sua construção, você pode dizer que é autônomo: obedece a regras construídas por você mesmo, junto com os outros, logo, obedece sua própria vontade e consciência ou, pelo menos, obedece a normas e valores construídos coletivamente. Mas, bem-entendido, ser autônomo não significa agir à revelia dos outros.

Ao contrário, a autonomia é relativa à cultura do grupo. Por exemplo: se você participou da construção do Projeto Político-Pedagógico da escola, que orienta para uma educação crítica e participativa, será **autônomo** para planejar e realizar práticas coerentes com isso.

Mas você não será autônomo planejando e realizando práticas que contrariem essa orientação escolar.

Você tem aí dois valores morais que ajudam a decidir sobre os comportamentos e ações: heteronomia e autonomia, o que é melhor para a vida social?

Você já viu que a escola é um espaço de relações e práticas sociais. Nas práticas que se realizam no espaço escolar é necessário considerar a existência de regras. Quais são as regras consideradas mais importantes na escola em que trabalha? São aquelas que estão afirmadas em documentos como o regimento e o projeto político-pedagógico ou são as da prática cotidiana, que não estão escritas em documento algum?

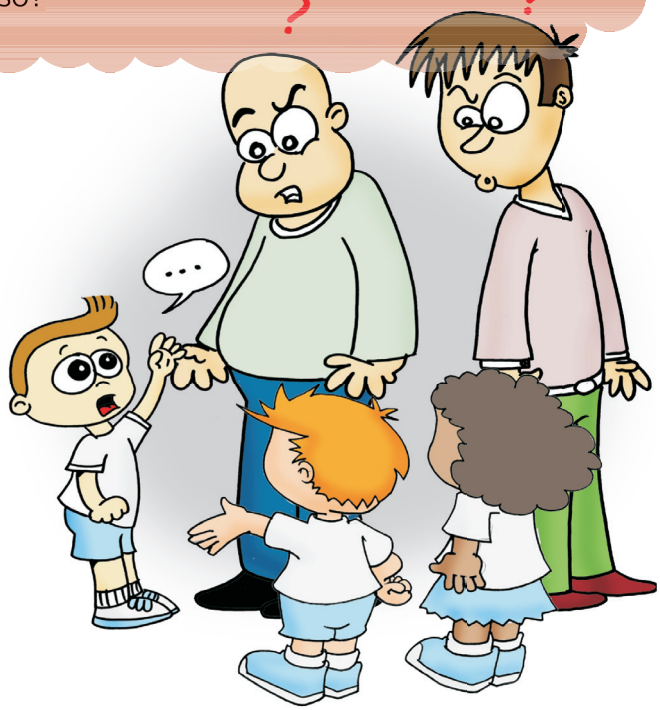
As atividades que você realiza no dia a dia são orientadas por normas e valores morais, embora, provavelmente, você não se dê conta disso. Essas normas e valores, contudo, não são impostos, pois resultam mesmo das relações e, porque homens e mulheres se relacionam, aceitam-nos ou recusam-nos, conforme a validade para o convívio, isto é, conforme a **consciência moral**: são bons ou são ruins para o convívio.

Consciência moral diz respeito a reconhecer normas e valores presentes no comportamento, para que se possa decidir sobre sua validade no convívio com os outros, na vida social. Essa consciência ajuda a diferenciar o comportamento correto do comportamento incorreto.

Assim, costumeiramente, chama-se moral o conjunto de regras e valores sociais que organizam e orientam o comportamento e a ação dos indivíduos nas relações sociais. Entre muitos valores morais, você tem: a amizade, a responsabilidade, a autonomia, o respeito, a honestidade, a solidariedade, a competitividade, o sucesso, a fama, por exemplo. Com base nos valores você pode dizer se o comportamento de

alguém faz bem ou faz mal para o convívio social e se esse comportamento deve ser conservado ou transformado. A atitude crítica diante da moral, portanto, a atitude ética é muito importante na educação, no devir humano.

Em sua opinião, as crianças devem ficar caladas ou podem participar de uma conversa entre adultos, dizendo o que pensam sobre o assunto dessa conversa? O que é melhor para o convívio, nesse caso?



4.4 – Valoração política

Com um olhar político sobre homens e mulheres, você os identifica como cidadãos, isto é, indivíduos que compartilham um território e vivem nele organizados sob certas leis que os protegem e garantem certos direitos independentemente das diferenças culturais e individuais.

Ser cidadão, nesse sentido, significa ser igual a qualquer um em direitos. Como cidadão, você participa de um Estado que, além do território e das leis, é constituído por um conjunto de instituições de poder que legislam (Poder Legislativo), fazem cumprir a legislação (Poder Judiciário) e implementam políticas públicas para efetivar e ampliar os direitos de todos (Poder Executivo). **Instituições de poder** nas quais você tem direito de participar.

Como cidadão, você tem direitos e, em relação a esses direitos, é igual a todos os homens e mulheres que pertencem ao mesmo Estado. Aí já encontra um primeiro valor pelo qual pode valorar a dimensão política do devir humano: a igualdade de direitos.

Não podemos confundir Governo e Estado. Como disse, o Estado é um conjunto de instituições. O Governo é um grupo de pessoas que ocupa o comando do Estado com um programa de políticas públicas para a construção da cidadania. Esse programa pode ser ou não elaborado com a participação dos cidadãos.

A igualdade de direitos, a cidadania, contudo, deve contribuir para o devir humano, mais do que prejudicá-lo. Digo isso porque muitas ações praticadas por você e por outras pessoas perdem o sentido da humanidade ao atribuírem ao Estado e ao Direito uma existência independente dos cidadãos. É como se ser cidadão fosse mais importante do que ser humano. Um exemplo disso é quando você pensa que o Estado deve garantir todas as condições para a boa educação na escola pública, esquecendo que é corresponsável, como cidadão e como pessoa, pela educação. Então, se o Governo faz descaso das escolas, por que é que você iria se ocupar com ela afinal?

Isso é um problema do Governo!

Como você já viu, o mundo humano é criado e produzido social, cultural e historicamente. Logo, o Estado e os direitos (o Estado de Direito) também foram inventados como forma de organizar a vida social e não existem sem os cidadãos. O Estado, o poder e os direitos são elementos do devir humano.

O Estado, por isso, não pode ser considerado como algo alheio e privado em relação aos cidadãos. Uma visão dessas estaria alienada. O Estado (território, leis e instituições) é público e tudo o que está sob sua guarda é público. Sendo público, pertence a todos os cidadãos. Então, cada cidadão tem responsabilidade para cuidar, conservar e transformar as coisas públicas e o próprio Estado, tanto quanto é criado para melhorar a vida humana. As coisas públicas devem ser socialmente controladas por quem de direito as possui: os cidadãos.

Em outras palavras

Cidadania é a palavra utilizada para dar significado à condição de ser cidadão: aquele que participa da vida pública e do Estado e, portanto, compartilha direitos e deveres.

Participar da vida pública, sentir-se bem nela, ter motivos para estar nela, diz respeito à **cidadania**. A palavra cidadania, embora quase sem significado depois de tantas significações empregadas, ainda ocupa lugar no que os governos pretendem para a educação escolar por meio das políticas públicas para a educação. Sobretudo na escola pública, mantida pelo Estado e pela qual você e eu, todos os cidadãos, são corresponsáveis. Nesse sentido, participar significa assumir responsabilidade e compromisso com aquilo que pertence a você e aos outros: as coisas públicas.

Você se torna cidadão pela participação e pela responsabilidade que tem com as coisas públicas, mantidas ou não pelo Estado, pertencentes a todos os cidadãos.

Nesse caso, a educação escolar não é uma caridade do Estado, mas um direito dos cidadãos, dos que são corresponsáveis pelo que o Estado faz. É importante ressaltar que digo Estado, mas não governo. Muito embora, preciso admitir que, se um governo implementa políticas públicas contrárias ao bem-estar coletivo, ou ele exclui pessoas da cidadania ou as pessoas o excluirão do comando do Estado.

Exclusão e inclusão política, social e cultural são valores muito presentes nas discussões e estudos políticos atualmente. Por isso, é interessante que você leve em consideração, em seus juízos críticos sobre as políticas públicas, esses dois valores. Qual é a melhor política educacional: a que exclui ou a que inclui os cidadãos na vida pública?

Pratique *Vamos lá!*

Você sabe o que é política de educação inclusiva? Procure se informar na sua escola com os diretores, colegas e professores. Depois procure saber, observando as práticas educativas, como e em que condições essas políticas acontecem na escola. E não se esqueça de anotar suas observações e reflexões, considerando a sua participação nessas práticas.

Nesta atividade será importante que você possa tomar pé do que é política de educação inclusiva. Para isso, converse com os colegas da escola e pesquise em outras fontes. Tão importante quanto saber o que é a educação inclusiva é saber se na escola em que trabalha existe uma política de educação inclusiva e quais são os valores (estéticos, éticos, políticos) que a orientam. É um exercício de entrevista, observação e descrição da realidade escolar quanto a este tema específico.

Agora você pode pensar, portanto, que cidadania, participação, democracia, igualdade de direitos, inclusão e exclusão são valores que não podem ser dispensados na avaliação da vida pública, a dimensão política do devir humano.

4.5 – Escola, valores e cidadania

Espero que o que você leu, investigou e pensou nas seções anteriores desta unidade possa ter ajudado a construir uma significação sobre como as práticas valorativas nos fazem humanos. Espero que tenha percebido que valoramos coisas, pessoas, atividades com base em diversos valores econômicos, estéticos, morais e políticos, entre outros. E todos esses valores estão presentes ao mesmo tempo na educação e na escola e em tudo o que homens e mulheres fazem no processo do devir humano.

Por outro lado, há uma(s) cultura(s) e uma(s) política(s) que têm forçado a barra para que a educação seja valorada como mercadoria e, com isso, parece que a dignidade humana terá de ser paga. Mas o preço a pagar é um preço que você precisa decidir e que poderá ou não ser calculado em dinheiro.

Como você tem visto desde a primeira unidade deste caderno, a educação pode acontecer independentemente das intenções de educar. Mas viu também que, quando da criação da escola, a educação se tornou intencional, como prática social. Com a criação da escola pública e com o acesso à escola pelos trabalhadores, a educação tornou-se um direito para que todos possam participar da vida pública e ter acesso aos direitos de cidadania.

Considerando que na educação escolar as pessoas, as coisas, as ações e os acontecimentos são valorados a partir de valores hegemônicos, mas que podemos nos posicionar sobre essa educação a partir de valores alternativos, parece que estamos na situação de disputar e negociar o que pode e deve e o que não pode e não deve estar presente na educação escolar. Isso faz da educação um problema político. O que você pensa sobre essa questão, levando em conta o que leu, percebeu e pensou no estudo desta disciplina? Quais valores poderiam ser compartilhados para uma vida coletiva em que todos possam se sentir bem e iguais em direitos? Como a escola pode contribuir para isso?

O direito à educação, como condição de acesso a outros direitos sociais, contudo, parece ser ambíguo, pois a educação escolar com vistas à cidadania e ao trabalho coloca um dilema a ser significado e valorado para que você possa escolher e decidir sobre como se posicionar: a educação, afinal, vale como mercadoria ou como direito?

Essa significação e valoração têm a ver com o projeto de vida social que você imagina, sonha e espera alcançar. Para alcançá-lo, tem de fazer escolhas e decidir sobre o que precisa e o que é mais importante para viver essa vida sonhada junto com os outros. Com base em valores, você faz escolhas, toma decisões, diz o que é e o que não é importante, o que vale e o que não vale a pena fazer. Então, significações, costumes, regramentos, padrões de comportamento terão sua importância colocada em jogo na escola e em todos os espaços educativos onde se valora o que é feito como educação. E esta, por sua vez, leva as pessoas a aprenderem valores que dão diferentes sentidos à humanidade e orientam de maneiras diferentes e até contrárias o devir humano.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB — Lei n. 9.394/1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tal como penso, valorizam o trabalho e a cidadania como contextos que dão sentido àquilo que deve ser aprendido na escola. E o que precisa ser aprendido, pela orientação da LDB e dos PCN, são **competências** para participar da vida produtiva (trabalho) e da vida pública (cidadania): competências técnicas, cognitivas, reflexivas e inventivas.

Atenção

Tal como entendo, competências são as condições pessoais que temos para cumprir e ocupar uma função e responder às exigências da sociedade. Se não tivermos competência, então não poderemos competir com outros que disputam a ocupação dessas funções conosco.

Essas competências, que estão no centro da organização curricular das escolas brasileiras, têm a ver com os eixos estruturais da educação na sociedade contemporânea, que propõem uma cultura globalizada, que exige uma educação global (a mesma para todos os cidadãos do mundo) com foco em: aprender a conhecer, a fazer, a viver e a ser, o que traz implicitamente a ideia de flexibilidade no trabalho e que exige dos indivíduos iniciativa e responsabilidade própria sobre o que fazem.

Como você pode notar, os PCN e a LDB não dissociam formação para o exercício da cidadania e preparação para o trabalho. Ao contrário, propõem que sejam articuladas na escola, o que permite levantar a suspeita de que as competências para o exercício da cidadania não diferem das competências para o trabalho. Afinal, ser trabalhador é o mesmo que ser cidadão?

RESUMO

Nesta unidade você se ocupou com a reflexão sobre o sentido dos valores no devir humano. Pôde notar que existem diversos tipos de valores relativos a diferentes aspectos da vida, entre os quais os estéticos – relacionados com a sensibilidade –, os éticos ou morais – relacionados com a conduta na vida social – e os políticos – relacionados ao poder e ao modo como é exercido na sociedade. Todos esses aspectos são importantíssimos e estão presentes no processo educativo escolar. Contudo, como os valores são construções socioculturais, é preciso saber escolher quais valores devem e podem ser ensinados na escola. Escolha que está diretamente relacionada com o sentido de humanidade que queremos para nós e para as novas gerações e que é objeto de negociação, de divergência e de acordo entre grupos sociais e mesmo entre indivíduos. Inclusive na própria escola.

Com base no que investigou até aqui acerca do devir humano, você entende que o trabalho e a cidadania são os principais valores para escolher uma educação possível e desejável? Ser cidadão e ser trabalhador é o mesmo que ser humano? Como você poderia contribuir para construir na escola uma educação orientada para o trabalho, para a cidadania e para a humanidade? Não deixe de considerar o que já pensou sobre o trabalho e a cidadania!

Esta atividade quer provocá-lo a refletir sobre o valor do seu trabalho na escola e sobre os valores fundamentais que podem orientar a educação escolar. É importante que você desenvolva essa reflexão com base nas noções estudadas ao longo do módulo. Então, o resultado da atividade deve ser uma redação na qual você explicite os conceitos de

trabalho e de cidadania, bem como o de humanidade e, com base neles, avalie ou valore as relações entre trabalho, cidadania e humanidade como fins da educação básica. Na avaliação, considere os aspectos estéticos, éticos e políticos da educação.

Unidade 5

Devir humano, escola e educação

Caro estudante,

Você já sabe que não nascemos humanos, mas que vamos aprendendo a ser humanos ao longo da vida, por meio da linguagem, por meio do trabalho, por meio dos valores que aprendemos e construímos juntos com os outros e que nos aproximam e nos afastam uns dos outros. Você já teve condições de se situar sobre o sentido da educação escolar para a humanidade, para o trabalho e para a cidadania.

Então, nesta unidade, proponho que você investigue e reflita sobre o sentido da educação escolar na construção da humanidade de homens e mulheres, para compreender: por que a educação escolar é e deve ser diferente da educação fora da escola; como o currículo escolar é constituído e quem são os sujeitos da educação escolar e para que são educados.

Problematizar a educação escolar é importante, para saber que conceito e que valor tem o humano na escola que educa para o trabalho e para a cidadania.

Para que você perceba bem esse problema, reflita sobre o conceito, bastante importante na gestão escolar: o conceito de currículo.

Você sabe, desde a disciplina 1 — Funcionários de escolas: cidadãos, educadores, profissionais e gestores —, que o currículo é constituído por determinados conteúdos. Esses conteúdos são selecionados e escolhidos entre todos os conhecimentos que constituem uma cultura. A seleção e a escolha dos conteúdos do currículo são feitas com base em valorações. Valorar é atribuir valor, importância, peso às coisas. Quem escolhe e decide sobre os conteúdos oficiais do currículo escolar, em geral, são especialistas em educação, conforme uma política curricular. O currículo tem a ver com uma vida social desejada (por todos ou por alguns) que a escola pode ajudar a construir. Você sabe, também, que a escola é pedagogicamente autônoma: decide como ensinar com base em legislação e diretrizes oficiais.

Aqui, entretanto, sugiro que você pense o currículo de forma diferente. Não apenas o currículo oficial, mas o currículo que se constrói no cotidiano da escola em que trabalha.

O currículo da escola, tal como penso, abrange todos aqueles conteúdos cognitivos, procedimentais, comportamentais, valorativos e disciplinares desenvolvidos nas salas de aula, junto a todas as experiências vivenciadas na escola, fora da sala de aula, e que também envolvem conhecimentos, procedimentos, comportamentos e valores não oficiais.

Além disso, o currículo abrange elementos presentes em vivências individuais e coletivas que são também experimentadas fora da escola. Com isso, você não pode deixar de notar que as vivências escolares se relacionam com as vivências não escolares.

Quer dizer que homens e mulheres se educam dentro e fora da escola. Levam para dentro o que aprendem fora e levam para fora o que aprendem dentro.

Aprendem na escola com as condições que trazem de fora e vice-versa. A escola e o "fora da escola" estão presentes na vida o tempo todo. Não é fácil distinguir o dentro e o fora no devir humano.

Sendo assim, você não pode tratar os outros e ser tratado ora como sujeito escolar (professores, diretores, funcionários, alunos, pais de alunos e comunidade escolar), ora como sujeito não escolar (cidadãos, trabalhadores, consumidores, contribuintes etc.), pois ninguém deixa de ser e de aprender a ser o que é quando está na escola ou fora dela.

O que entra em jogo, então, para pensar o currículo escolar, diz respeito à vida de homens e mulheres na sua integridade.

O currículo da escola, contudo, é constituído por todas as vivências e experiências sistematicamente planejadas, visando ao ensino e à aprendizagem de elementos culturais selecionados e institucionalmente tidos como relevantes para que homens e mulheres possam vir a atender as expectativas sociais oficiais: a escola prepara para o trabalho e para o exercício da cidadania, fundamentalmente.

Mas, dependendo das condições em que são planejadas as experiências educativas (especialmente aquelas das relações entre o dentro e o fora), a escola pode educar futuros desempregados, ex-

cluídos, discriminados, por exemplo. Enfim, a escola pode acabar por educar o desumano, o inumano. Nesse sentido, na escola não se pode experimentar qualquer coisa, de qualquer maneira, para quaisquer finalidades.

Pratique *Vamos lá!*

Tome um grupo de 5 alunos da escola em que você trabalha. Pergunte a eles sobre suas aspirações e desejos para o futuro, isto é, pergunte a eles "o que querem ser quando crescerem". Analise com eles se o que desejam para a própria vida tem a ver com o que experimentam e aprendem na escola ou se tem a ver com as experiências e aprendizados de fora da escola. Procure interpretar, também, as relações entre trabalho e devir humano no pensamento das crianças, analisando os seus desejos para o futuro.

Com essa atividade você poderá entender um pouco melhor o que os alunos querem para o futuro deles e poderá identificar suas fontes de inspiração: se estão na escola ou fora da escola. Além disso, poderá saber se o que leva os alunos à escola são suas aspirações por construírem sua humanidade ou se esperam poder trabalhar apenas. Sabendo o que os alunos querem e o valor que dão à escola, você terá elementos importantes para planejar suas atividades de modo a contribuir com a escola para que seja revalorizada pelos alunos. A atividade é um exercício de descrição, análise e interpretação de um aspecto da realidade dos alunos e da realidade escolar, cujo resultado deverá ser um relato da conversa, com conclusões sobre o problema colocado.

Entretanto, ainda que as experiências vivenciadas na escola sejam planejadas para atingir o objetivo de educar trabalhadores e cidadãos, elas não estão separadas de outras situações socioculturais que possibilitam outras experiências, de modo que os resultados do planejamento não podem ser previstos com rigor. É assim, afinal, que a cultura é transformada: pela recepção que homens e mulheres fazem dela nas suas vidas. É assim, então, que a escola participa do devir humano.

O caso é que as mesmas pessoas aprendem tanto nas vivências escolares como nas vivências não escolares, sob as condições de umas e de outras, como você já viu.

Assim, questionar a sua participação e a participação do outro na escola e na educação sugere que investigue: o que se ensina e o que

se aprende na escola? Onde se ensina e onde se aprende na escola? Como se ensina e como se aprende na escola? Quem ensina e quem aprende na escola? Para que se ensina e se aprende na escola?

Veja, então, em que condições se aprende na escola, atentando que o currículo, da forma que proponho que seja pensado, faz-se pelas práticas e vivências escolares pelas quais se pode aprender coisas diferentes das que são ensinadas na sala de aula. Isso por que, aqui, importa que você reflita sobre aqueles espaços escolares onde você atua como educador.

5.1 – O que se ensina e o que se aprende na escola?

A pergunta "o que se ensina e o que se aprende na escola?" diz respeito a conhecimentos, procedimentos, comportamentos e valores. A orientação dos PCN, como diretrizes oficiais para o currículo do ensino fundamental, centra-se nos chamados temas transversais (cidadania, ética, diversidade cultural, trabalho, meio ambiente, saúde e sexualidade) e para o ensino médio nos contextos do trabalho e da cidadania, em torno dos quais as escolas devem organizar autonomamente seu Projeto Político-Pedagógico e seus projetos educativos, organização da qual você tem o direito e o dever de participar como funcionário da escola, como educador e como cidadão.

Contudo, convido você a valorizar outros conhecimentos que se aprende ao mesmo tempo na sala de aula e fora dela e que, normalmente, não são tão valorizados na escola.

Na escola, homens e mulheres (crianças, jovens e adultos) vivenciam o escrever e o ler. Eis duas atividades que vivenciam diariamente na escola. Além do ler e do escrever, vivenciam também o falar e o escutar. Vivenciam o pensar, o fazer e o trabalhar. Vivenciam o criar e o sentir. E, é claro, vivenciam o ensinar e o aprender. Vivenciam o educar. Vivenciam o decidir, o escolher e o valorar. Na escola, homens e mulheres vivenciam o mundo próprio, o mundo dos outros e compartilham, pensam, imaginam, planejam, projetam, criam outros mundos possíveis, juntos, no diálogo.

São tantas coisas vivenciadas na escola que, muitas vezes, tenho dúvidas se alguém consegue percebê-las e experimentá-las a um só tem-

po. Ou seja, não tenho certeza de que cada um consegue dar conta de tudo o que é vivenciado na escola a tal ponto de poder pensar, significar e aprender tudo.

Você consegue perceber e experimentar tudo o que acontece na escola? Se você percebe e experimenta alguma(s) coisa(s), sabe dizer como acontece(m)? Essas coisas que você percebe ou experimenta são coisas planejadas ou acontecem espontaneamente? Você consegue distinguir as coisas planejadas das espontâneas? Você participa das atividades planejadas na escola? Como?

5.2 – Onde se ensina e onde se aprende na escola?

Nas vivências escolares, você também experimenta a participação em espaços de convivência. A escola é um espaço constituído de uma multiplicidade de ambientes diferentes: sala de aula, pátio, cozinha, secretaria, sala da direção, biblioteca, banheiros, computadores, TVs, livros e as fronteiras com o "fora dela". Nesses ambientes da escola, você está com outros, junto, convivendo: compartilhando a vida, as experiências e o jeito de sentir, de pensar, de se comportar, de se relacionar e de realizar as atividades. Nessa convivência, todos se educam. Aprendem e ensinam o que sabem com o diálogo, com o trabalho e com os valores que prezam. Assim, acontece o devir humano. A cada experiência, a cada vivência cada um aprende algo novo e torna-se um humano diferente. Homens e mulheres que trabalham, que brincam, que participam da vida da escola e da vida comunitária da maneira como aprendem a participar. Esse aprender a participar está relacionado com a experiência, com o direito e com o poder de participar, a serem construídos coletivamente na escola. É importante que você não se esqueça disso!

É preciso perceber, então, que a educação feita na escola pode vincular as experiências do ambiente da sala de aula com as experiências possíveis em quaisquer dos outros ambientes escolares bem como com as experiências de fora da escola. Numa sala de aula e em todos os ambientes escolares, interagem pessoas que trazem consigo suas experiências, suas vivências, seus valores, seus costumes, seus gostos, seus modos de falar, de vestir e de organizar os espaços, enfim, trazem suas

maneiras de ver e de pensar o mundo que as diferencia umas das outras, mas que ajuda cada uma na sua humanidade, quando interagem.

Essas diferenças de ambiente e do modo de pensar e ver o mundo podem ser muito ricas para quem quer ensinar, pensando e escolhendo entre alternativas possíveis e desejáveis para sua própria vida.

Será que na escola em que você trabalha isso acontece mesmo? Será que nela as pessoas se tornam diferentes na convivência com os outros? Ou será que cada um quer que os outros sejam iguais a ele próprio? Escreva como o seu ambiente de trabalho pode ser organizado para que todos possam aprender ali.

5.3 – Como se ensina e como se aprende na escola?

A essa altura, talvez, você já tenha como possibilidade a ideia de que homens e mulheres se educam, se fazem, se sentem, se chamam humanos nas relações que estabelecem, no convívio de uns com os outros em certos ambientes, e que o currículo da escola é constituído por essas convivências, junto com aqueles conhecimentos que aprendem em sala de aula.

A questão agora é: é possível planejar as vivências fora da sala de aula de maneira que se tornem experiências pedagógicas?

Atente que a experiência abrange a vivência imediata de situações individuais e/ou coletivas, bem como sua significação. A significação está relacionada à elaboração investigativa e reflexiva da vivência, isto é, a experiência realiza-se quando a vivência é problematizada e provoca a busca de sentido para ela, tal como temos procurado fazer ao longo de nossos estudos neste caderno.

Sim, é bem possível! Contudo, é preciso ter claro que uma experiência pode ser planejada (ação pedagógica), mas não pode ser previamente determinada. Ela traz sempre possibilidades de resultados diferentes do que se espera ao planejar, pois o planejado é atravessado por outras vivências trazidas por homens e mulheres (vivências de fora da escola). Veja e lembre-se do conceito de devir.

Você consegue pensar na escola como um espaço participativo e acolhedor dessa diversidade e pluralidade de vivências? O diálogo entre essas vivências numa experiência planejada pode construir na escola um ambiente de aprendizagem investigativa e reflexiva sobre as vivências pessoais e coletivas? Ou será melhor que os mundos diferentes não sejam compartilhados, disputados, negociados e reinventados, ficando então a educação limitada por modelos de ensino e instrução tradicionais em que apenas professores ensinam, alunos aprendem e funcionários apoiam, sem participar da educação escolar? Não deixe de registrar essa reflexão, para que possa aproveitá-la logo mais.

Pois é, talvez seja importante que os saberes da vida não escolar possam ser problematizados na escola, para que alunos, professores e técnicos em educação (funcionários de escola) possam construir coletivamente os conhecimentos de que precisam para conviver com as diferenças e para possibilitar uma educação humana da comunidade com a qual a escola se relaciona.

Essa problematização da educação escolar pode levar você a ter de rever o papel da escola frente à cidadania e ao trabalho, pois as experiências escolares, assim, devem tocar à integridade da vida de homens e mulheres que poderão escolher que cidadania e que trabalho querem para si mesmos.

Como se ensina na escola, então?

Na escola se ensina:

a. pelo exemplo prático, pela vivência observada e compartilhada com os outros (intencional ou espontaneamente);

b. pela transmissão de conhecimentos prontos, disponíveis e já produzidos pela humanidade (intencional ou alienadamente);

c. pela investigação, pelo diálogo e pela experiência prática planejada, vivenciada e pensada por todos e para todos.

Desses três modos de ensinar, qual deles você percebe que tem sido o mais presente na sua escola, em todos os ambientes? Considerando o que você já leu e o que já vivenciou na escola, qual desses modos você escolheria como educador? Com base em que valores e significados você faz essa escolha? Não deixe de registrar essa reflexão, para que possa aproveitá-la logo mais.

5.4 – Quem ensina e quem aprende na escola?

Como "funcionário de apoio" que você tem sido até agora, poucas vezes o valor da sua participação na escola e na educação tem sido problematizada, não é? Afinal, em muitos casos, é tão óbvia, tão a mesma, tão restrita, tão limitada e tão repetitiva essa participação que chega a parecer natural e sem importância: "é assim porque é assim e não pode ser de outro jeito!". É como se você só pudesse participar da educação na escola cumprindo uma função secundária e conservando as relações já estabelecidas (aluno é aluno, professor é professor, diretor é diretor, mãe é mãe e funcionário é funcionário). Isso chega a *chat*ear ou você está satisfeito com essa situação?

Seguindo esse costume, cada um assume um papel, cumpre uma função e não pode ser diferente para si nem para os outros.

Será que ao assumir um papel determinado você continua sendo você mesmo? Será que você pode deixar de ser de um jeito para ser de outro? E quanto às práticas da escola: você alguma vez já observou atentamente como são as práticas escolares? Todas as pessoas são tratadas da mesma maneira ou são diferenciadas? Existe fila para entrar em sala de aula? Quem precisa entrar em fila? E por que os outros não precisam? As decisões sobre a escola são coletivas ou exclusivas de alguns? Os alunos usam uniforme? E os professores e funcionários usam também? Há espaço e instrumentos adequados para preparar e realizar as refeições? Há seleção de lixo? Não deixe de registrar essa reflexão, para que possa aproveitá-la logo mais.

Mas, com a atitude crítica, pensar sobre esses questionamentos pode ajudar a compreender como o humano se constrói nas práticas escolares. Como acontece o devir humano. Ou seja, observando atentamente as práticas escolares e refletindo sobre elas, você pode saber quem é quem na escola e também pode saber se é possível ser de outro jeito. Afinal, a escola educa a todos e todos se educam e são educados na escola de que participam como funcionários ou como corresponsáveis pela educação?

Esse problema diz respeito a como indivíduos ou grupos de indivíduos se posicionam nas práticas escolares. Como são valorizados e quais são seus próprios valores.

Sendo funcionário, parece que sua participação na escola nada tem a ver com a educação dos alunos, afinal, o que faz é limpar, cozinhar, lavar, registrar informações, emitir documentos, consertar equipamentos e algumas outras atividades burocráticas.

E como técnico em educação, como será? Que educação você faz ao cumprir suas funções? Cumprir bem as funções parece ser importante. Mas será tudo?

Apesar disso, parece que na escola tudo tem a ver com educação. Portanto, parece que você tem alguma responsabilidade na educação de todos: na sua mesma, na dos colegas funcionários, na dos professores e na dos alunos. Na escola, todos educam a todos e por isso têm responsabilidade pelo que fazem em relação à humanidade.

RESUMO

Nesta última unidade de estudos, destaquei alguns elementos que considero importantes para que você possa se situar e re-situar na investigação e na reflexão sobre o devir humano, problema fundamental para a formação do educador escolar. É interessante, para concluirmos a investigação, retomar o cerne dos estudos em cada uma das unidades da disciplina, para buscar mais clareza quanto a um posicionamento possível diante da educação na escola. Acompanhe.

Você iniciou a investigação com os seguintes questionamentos gerais sobre as práticas escolares cotidianas: por que são essas práticas e

não outras? Como são feitas? Para que são feitas? Que influências podem ter na vida das pessoas e na minha própria vida?

Esses questionamentos estão relacionados a outros problemas diante dos quais você se colocou em cada unidade, de maneira que o problema inicial ganhou complexidade como problema geral, ao mesmo tempo que foi especificado nos seus elementos principais: linguagem, trabalho e valores.

Nessa especificação, você deve ter percebido que em cada unidade o texto abriu possibilidades de relações entre escola, educação e cidadania.

Na primeira unidade, a escola foi significada e valorizada como espaço educativo, criado para ensinar às novas gerações os elementos culturais mínimos para a convivência social e para o trabalho. Você viu, também, que os elementos culturais variam em diferentes e diversas culturas e que elas se relacionam umas com as outras de modo que ambas se transformam. As relações são de compartilhamento, de disputa, de negociação e de construção de significados e de valores. Além disso, você deve ter notado que o que se aprende na escola poderia ajudar na construção de uma identidade humana no mundo. Resta saber, entretanto, como é possível construir uma cultura que contribua para isso, quando diversidade cultural e etnocentrismo estão em jogo na educação escolar. É preciso que você possa se posicionar sobre esse tema com autonomia.

Na Unidade 2, foram problematizadas as práticas simbólicas, práticas de linguagem e de linguagem na escola, para refletir sobre o sentido de uma cidadania educada no diálogo e na comunicação. Outro problema colocado foi se a educação escolar ajuda na formação de pessoas críticas, bem informadas e dispostas a participar da criação de outros mundos e de outras relações sociais. Aquela unidade sugeriu que as relações com a linguagem e as que estabelecemos com outras pessoas por meio da linguagem não são tão óbvias e transparentes como parecem e, por isso, podem trazer uma série de dificuldades para o entendimento e para as relações de poder na escola. Enfim, podem dificultar a educação do humano.

Na Unidade 3, foram problematizadas as condições práticas e conceituais de trabalho, que são ao mesmo tempo práticas educativas, como as práticas de linguagem e as práticas culturais de modo geral. Lá, apareceu a suspeita de que num mundo em que homens e mulheres trabalham somente para sobreviver, sem pensar em outras possibilidades para o que fazem no trabalho, podem ficar alienados em relação à sua humanidade. Na escola, instituição criada para ensinar, se o trabalho é alienante e alienado, a educação também poderá ser, para aqueles que trabalham e se educam nela. Então, perceba que todo trabalho na escola educa e todo trabalho, então, deve ser planejado para educar, mesmo que os resultados não sejam os desejados. Você precisa saber que o seu trabalho na escola é educativo.

Por último, na Unidade 4, você se deparou com as práticas valorativas. Naquele contexto se perguntou pelo valor da educação e, especialmente, da educação escolar. Questionou se educar para o trabalho é a mesma coisa que educar para a cidadania. Percebeu que, para decidir sobre essa questão, precisa fazer escolhas e que, para fazer escolhas, precisa compreender e posicionar-se sobre os valores envolvidos. Não se esqueça de que os valores podem ser construídos e desconstruídos na escola: valores estéticos, éticos e políticos, que integram o devir humano.

Com o que foi investigado nas unidades 1 a 4, você pode pensar que homens e mulheres se fazem, se sentem e chamam humanos quando podem experimentar em suas vidas a possibilidade de falar e de escutar os outros, de expressar-se e perceber os outros, de sentir-se e de sentir os outros integralmente: como seres simbólicos, trabalhadores, sensíveis, éticos e políticos. Pode perceber, também, que homens e mulheres vêm a ser o que são na e pela educação de que participam com outros homens e mulheres. Por fim, deve ter notado que, quando desejamos um modo de viver para o humano, homens e mulheres precisam ser educados para essa vida e a escola é espaço privilegiado nessa empreitada, quando temos consciência do que fazemos e podemos planejar nossas atividades para fins educativos.

Procure responder às seguintes perguntas, levando em conta o que estudou neste caderno: que contribuições você pode dar à educação escolar, considerando-se educador nas atividades que realiza na escola?

Vamos lá! **Pratique**

Com esta atividade espero que você possa fazer uma crítica das suas atividades, olhando-as do ponto de vista do educador. Essa crítica pode ajudá-lo a perceber se é preciso mudar alguma coisa ou se tudo está bem como está. O resultado da atividade deve ser uma dissertação na qual você analisa criticamente suas experiências e reflete sobre como poderia ajudar a transformar a escola, sua vida e a de outras pessoas no sentido do devir humano. Um exercício para futura participação no planejamento pedagógico da escola.

Espero que os questionamentos e reflexões colocados nesta unidade tenham ajudado você a compreender melhor o sentido educativo de suas atividades na escola. Sobretudo, espero que tenha compreendido que, como educador, você precisa estar atento ao seguinte: alguém que trabalha em uma escola pode participar da educação que a mesma promove tanto intencional quanto alienadamente e, nesse sentido, é importante que você possa estar devidamente preparado para participar do planejamento da educação na escola, para que suas atividades possam responder às exigências e necessidades do mesmo.

Saiba Mais

Leitura

Alves, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: Papirus, 2001.

Filme

Má Educação, de Pedro Almodóvar

Palavras Finais

Espero que a investigação que propus tenha possibilitado a você mudar de lugar várias vezes e, com isso, espero que tenha percebido todos os outros que povoam a escola, por dentro e por fora. Espero que os estudos tenham ajudado você a se perceber em diferentes lugares nas relações com esses outros e que você tenha podido conhecer mais e de um jeito diferente a escola, suas práticas e seus espaços. E que tenha podido pensar com mais cuidado sobre a educação escolar. Por fim, espero que tenha compreendido que não nascemos como somos, mas estamos continuamente nos tornando diferentes de nós mesmos, e que essa compreensão faz muita diferença para a educação e para a escola. Quem sabe, depois dos estudos que fez até aqui e continuará a fazer ao longo do curso, você possa se sentir outro na sua humanidade? Desejo-o sinceramente!

Abraço amigo.

Dante

Referências

ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith et all. Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2ed.

BESSA, Dante Diniz. Educação filosófica, crítica!? A filosofia como disciplina do currículo de 2º grau. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 1997. (Dissertação de Mestrado)

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 6ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. Medo e ousadia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KONDER, Leandro. O que é dialética. 22ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 12ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MARX, Karl. Trabalho alienado. Cópia reprografada.

MONLEVADE, João Antonio Cabral. Funcionários das escolas públicas: educadores profissionais ou servidores descartáveis. Brasília. s/d.

OLIVEIRA, José Rodrigues de. O devenir. Disponível em http://www.cordel.01br.com/?sis=2&opc=82&cod=27&/literatura/prosa/o-devenir.html. acessado em 16.01.2012

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante – Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Currículo do professor-autor

Dante Diniz Bessa

Graduado em Filosofia, Mestre em Educação, Dante Diniz Bessa é professor de Filosofia da Educação e Ética, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Com mais de 15 anos de experiência profissional, o autor descreve que foi um desafio escrever como pensa as relações entre escola, práticas escolares e educação, para provocar os cursistas do Profuncionário a pensarem por si mesmos o assunto. Em sua concepção, esta disciplina é uma oportunidade para que o estudante do Profuncionário construa os seus saberes próprios, sobre a escola, e as possibilidades de enfrentar os problemas que a realidade escolar coloca a todos.